

**SINAIS
DE UMA
IGREJA VIVA**

- John Stott

Conteúdo

APRESENTAÇÃO DA VERSÃO EM ESPANHOL.....	3
1. A IGREJA PRIMITIVA.....	4
2. IMPERFEITOS, MAS ENRIQUECIDOS	13
3. PODER NA FRAQUEZA.....	23
4. O ESPÍRITO E A PALAVRA.....	33
5. IMAGENS DA IGREJA.....	43
6. MODELOS DE MINISTÉRIO PASTORAL.....	52

APRESENTAÇÃO DA VERSÃO EM ESPANHOL

John Stott é um conhecido e respeitado mestre da Bíblia. Além de ter pastoreado uma igreja anglicana e desempenhar-se como líder evangélico em seu país, Inglaterra, é autor de muitos livros traduzidos para várias línguas.

John Stott apóia de diversas formas instituições evangélicas de formação pastoral e teológica. Colabora ativamente com a Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos, em missões evangélicas nas universidades de todos os continentes. Visitou a América Latina pela terceira vez em 1995. Nessa ocasião deu, na Argentina e Costa Rica, uma série de conferências sobre a perspectiva bíblica da igreja e dos desafios para o próximo milênio. Este livro é uma coletânea dessas conferências, editadas de forma conjunta pela IINDEF, da Costa Rica, e editora Certeza da Argentina.

Agradecemos o apoio das instituições que patrocinaram a visita de Stott. Em San Jose, Costa Rica, a Escola de Estudos Pastorais (ESEPA) convidou e organizou as viagens de Stott. Na Argentina, agradecemos em particular a cooperação da Fundação Escola Bíblica Evangélica, Vila Maria, Córdoba, que dedicou às conferências de Stott as Jornadas de Reflexão deste ano. As gravações realizadas em ambos os lugares deram o material para este livro.

Especialmente agradecemos ao irmão John Stott por seu serviço ao Reino de Deus, tanto ao dar as conferências como ao apoiar a sua publicação.

Uma igreja viva procura responder ao propósito com que Cristo a fundou e as necessidades peculiares da nossa época. Essa é a mensagem deste livro, e pode ser também a realidade de nossas igrejas.

Os editores em Espanhol¹

¹ A presente tradução foi feita a partir da versão em *espanhol Señales de una Iglesia Viva*. Tradutor desconhecido. Revisão Marcelo Herberts.

1. A IGREJA PRIMITIVA

“E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações. E em toda a alma havia temor, e muitas maravilhas e sinais se faziam pelos apóstolos. E todos os que criam estavam juntos, e tinham tudo em comum. E vendiam suas propriedades e bens, e repartiam com todos, segundo cada um havia de mister. E, perseverando unânimes todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus, e caindo na graça de todo o povo. E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar.” (Atos 2:42-47)

Nós, os cristãos, estamos unidos não só por nosso compromisso com Jesus Cristo, como também por nosso compromisso com a igreja de Jesus Cristo. Precisamos ter a mesma perspectiva da igreja que Jesus tinha, e redescobrir a visão de uma igreja viva, renovada pelo Espírito Santo, tal como foi nos seus primeiros tempos. O propósito de Deus não é salvar indivíduos e perpetuar seu isolamento. Deus se propôs edificar a igreja, uma comunidade nova e redimida. Planejou-a na eternidade passada, está levando-a a cabo no processo histórico do presente, e será aperfeiçoada na eternidade que virá.

A igreja está no centro do plano de salvação. Cristo morreu não só para nos redimir de toda iniquidade, mas também para reunir e purificar para si mesmo um povo entusiasmado pelas boas obras. Assim diz a Palavra:

“O qual se deu a si mesmo por nós para nos remir de toda a iniquidade, e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras.” (Tito 2:14)

Na eternidade, Deus nos reunirá aos redimidos por Cristo como um só povo, do qual o apóstolo João teve uma antecipação extraordinária:

“Depois destas coisas olhei, e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, que estavam diante do trono, e perante o Cordeiro, trajando vestes brancas e com palmas nas suas mãos; e clamavam com grande voz, dizendo: Salvação ao nosso Deus, que está assentado no trono, e ao Cordeiro.” (Apocalipse 7:9-10)

Neste livro tomaremos como base para nossa reflexão sobre a igreja os capítulos da primeira carta de Paulo aos Coríntios. Antes, a título de introdução, daremos uma olhada na igreja primitiva, como a descreve Lucas no livro de Atos.

Como é uma igreja viva?

É natural que para responder esta pergunta voltemos ao relato de Pentecostes no livro de Atos. É bom que sejamos realistas na leitura. Costumamos ver a igreja primitiva com uma atitude idealista, romântica. Maravilhamo-nos com seu ímpeto evangelístico, seu impacto transformador no mundo. Falamos dela com admiração, como se não tivesse defeito; esquecemo-nos das heresias, das hipocrisias, das rivalidades e imoralidades que perturbavam a igreja primitiva tanto quanto a perturba hoje. Contudo, existe algo evidente: essa igreja primitiva em Jerusalém foi profundamente renovada pelo Espírito Santo. Qual era a evidência da presença e do poder do Espírito Santo? Se pudermos responder esta pergunta, poderemos também responder outra: Qual é a evidência da presença do Espírito Santo na igreja de hoje?

Lucas descreve quatro marcas de uma igreja cheia do Espírito. Esses são traços que deveriam caracterizar toda igreja aberta para a presença e o poder do Espírito Santo.

Ensino apostólico

Esta primeira característica é surpreendente e não muitas congregações a teriam em conta hoje. A igreja viva é uma igreja que está aprendendo, uma comunidade que estuda.

A primeira coisa que Lucas disse sobre esta igreja renovada pelo Espírito é que ela perseverava na doutrina dos apóstolos: *“E perseveravam na doutrina dos apóstolos” (Atos 2:42)*.

Poderíamos dizer que, no dia de Pentecostes, o Espírito Santo abriu uma escada para a igreja. Os mestres da escola eram os apóstolos, a quem Jesus tinha escolhido e treinado: e haviam três mil estudantes... na realidade, meninos do jardim de infância. Estes recém-nascidos para a fé, convertidos e cheios do Espírito Santo, não estavam dedicados a desfrutar de uma experiência mística que os fizera esquecer ou de arrazoar sobre o que criam. Pelo comentário, perseveravam na doutrina dos apóstolos e queriam aprender tudo o que fosse possível. Tinham fome da verdade e queriam sentar-se aos pés dos apóstolos e absorver seus ensinamentos.

A plenitude do Espírito Santo é incompatível com o antiintelectualismo. O Espírito de Deus é Espírito de verdade. Esse foi um dos títulos que Jesus mesmo deu ao Espírito. Se quisermos estar cheios do Espírito, sua verdade será importante para nós.

Aqueles crentes primitivos não pensaram que bastava para eles a presença do Espírito Santo em seu interior para conhecer a verdade. Não deram por certo que, por haver recebido a plenitude do Espírito Santo, este era o mestre que precisavam, e que poderiam prescindir dos mestres humanos. Não foi assim na igreja primitiva. Os novos crentes sabiam que Jesus havia nomeado os apóstolos para que fossem mestres da igreja, e procuravam aprender todo o possível e perseveravam na sua doutrina.

Como se aplica isto à igreja de hoje? O que significa para nós perseverar na doutrina dos apóstolos, ser fiel em conservar seus ensinamentos? Entendemos que já não há apóstolos na igreja. Pode haver ministérios apostólicos, como os que realizam missões, os plantadores de igreja, os líderes. Estas pessoas exercem ministério apostólico, mas não podemos chamá-las de apóstolos. Ninguém na igreja atual tem uma autoridade comparada a de Paulo, Pedro ou qualquer dos apóstolos de Jesus Cristo. Eles tinham uma autoridade única para ensinar em nome de Jesus e ninguém tem essa autoridade hoje. Então, se não há apóstolos na igreja contemporânea, como podemos nos submeter aos ensinamentos dos apóstolos? Seus ensinamentos chegaram até nós pela Bíblia. O Novo Testamento é precisamente isso: os ensinamentos dos apóstolos. Esta é a única classe de sucessão apostólica em que cremos, a continuidade da doutrina apostólica por meio do Novo Testamento.

Uma igreja cheia do Espírito é uma igreja bíblica, uma igreja neotestamentária, uma igreja apostólica. Nela se ensina as Escrituras. Os pais ensinam a Bíblia aos filhos. Os membros da igreja lêem e refletem sobre as Escrituras todos os dias. O Espírito de Deus dirige o seu povo a submeter-se à Palavra de Deus, e quando o faz, essa igreja se renova com a presença do Espírito Santo.

Comunhão e ajuda mútua

A segunda marca de uma igreja viva que descobrimos na leitura de Atos é o amor e o cuidado mútuo entre os crentes. Se a primeira marca é o estudo, a segunda é a comunhão.

A palavra comunhão que utilizam algumas versões é a tradução de *koinonia*. Este termo descreve aquilo que temos em comum, o que compartilhamos como crentes em Cristo. Isto se refere a duas verdades complementares.

Em primeiro lugar, compartilhamos a graça de Deus. O apóstolo João começa sua primeira carta com estas palavras: *“Nossa comunhão é com o Pai e com*

o Filho, Jesus Cristo..” Paulo fala da comunhão que temos com o Espírito Santo. A comunhão autêntica é uma comunidade trinitária. Nós os crentes participamos em comum no Pai, no Filho e no Espírito Santo.

Há um segundo aspecto da *koinonia*. Também temos em comum o que *damos*. Este é o aspecto a que Lucas dá ênfase. Em suas cartas, Paulo usa esta mesma palavra, *koinonia*, para referir-se a uma oferta que estavam dando às igrejas. O adjetivo *koinônico* significa “generoso” e, nesta passagem, Lucas descreve a generosidade dos cristãos primitivos:

“E todos os que criam estavam juntos, e tinham tudo em comum. E vendiam suas propriedades e bens, e repartiam com todos, segundo cada um havia de mister.”
(Atos 2:44-45)

Esta passagem nos perturba. Preferimos saltá-la para evitar o desafio que ela encerra. Devemos imitar literalmente estes crentes? Quis Jesus que todos seus seguidores vendessem suas possessões e repartissem o que obtivessem delas? Sem dúvida, o Senhor chamou a alguns de seus discípulos a uma pobreza voluntária total. Esse é o chamamento que fez ao jovem rico, por exemplo. A ele, Jesus disse expressamente que vendesse tudo e o desse aos pobres. Este foi também o chamado de Francisco de Assis, na idade média, e provavelmente é o chamado de Madre Tereza, em Calcutá. Eles nos recordam que a vida não consiste na abundância dos bens que possuímos. Mas não todos os discípulos de Cristo são chamados a isso. A proibição da propriedade privada é uma doutrina marxista, não cristã. Mesmo na igreja em Jerusalém, a decisão de vender as propriedades e dar tudo foi uma questão voluntária. Quando passamos para o versículo 46, lemos que os crentes se reuniam “em suas casas”. Quer dizer, continuavam tendo casa e propriedades pessoais. Pelo visto, não haviam vendido todas as casas, seus móveis e suas propriedades! Contudo alguns tinham casas, e os crentes se reuniam nelas.

Não obstante, não devemos evadir do desafio destes versículos. Alguns suspiram com alívio porque não sugeri que devemos vender tudo e repartir. Mas, mesmo que não seja o nosso chamado particular, todos fomos chamados a nos amarmos mutuamente como faziam aqueles cristãos.

O primeiro fruto do Espírito Santo é o amor. Em particular, a igreja primitiva cuidava dos pobres, e compartilhava com eles parte de suas possessões. Esta atitude deve caracterizar a igreja em todos os tempos. A comunhão, a disposição de compartilhar, generosa e voluntariamente, é um princípio permanente. A igreja deveria ser a primeira entidade no mundo na qual se abolisse a pobreza. Conhecemos as estatísticas. O número de gente que vive na miséria, sem cobrir as necessidades básicas para sobreviver, é aproximadamente de um bilhão. A média dos que morrem de fome cada dia é

de dez mil pessoas. Como podemos viver com estas estatísticas? Nós cristãos que vivemos em países mais ricos devemos ajustar nosso estilo de vida e viver com mais simplicidade. Não porque cremos que isto vai solucionar os problemas macroeconômicos do mundo, senão por solidariedade com os pobres.

Uma igreja cheia do Espírito é uma igreja generosa. A generosidade tem sido sempre uma característica do povo cristão porque nosso Deus é um Deus generoso. Por isso, outra palavra que expressa a atitude de generosidade é a palavra “graça”. Se Ele dá tudo de graça, se nosso Pai é generoso, Seus filhos também devem ser generosos.

Adoração prazerosa e reverência

Os primeiros cristãos não eram só fiéis em conservar os ensinamentos dos apóstolos na comunhão uns com os outros. Também se reuniam uns com os outros. Também se reuniam e participavam juntos “no partir do pão, e nas orações” (Atos 2:42).

“E, perseverando unânimes todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração” (Atos 2:46)

O partir o pão se refere, sem dúvida, a Ceia do Senhor. Provavelmente, além dos símbolos do corpo e do sangue de Cristo na igreja primitiva havia também uma ceia compartilhada, um ágape. As orações que se mencionam aqui não são as orações privadas, mas sim as reuniões de oração.

Existem dois aspectos da vida de adoração da igreja primitiva que são desejáveis em uma igreja renovada. Aqueles cristãos mostravam equilíbrio nos dois sentidos.

Por um lado a adoração era formal e informal. Isso deduzimos do versículo 46, onde nos é dito que adoravam nas casas e no templo. É interessante que os primeiros cristãos continuaram adorando no templo. Não abandonaram de imediato a igreja institucional; queriam reformá-la de acordo com o evangelho. Seguramente não participavam dos sacrifícios do templo, porque entendiam que os sacrifícios já haviam sido cumpridos definitivamente com a morte e ressurreição de Cristo. No entanto, continuaram participando das reuniões de oração no templo. Estas reuniões tinham certa formalidade, mas os cristãos as suplementavam com reuniões mais informais e espontâneas nos lares.

Creio que aqui há uma lição importante para a igreja contemporânea. Algumas igrejas são demasiado conservadoras. Resistem a mudanças, parecem

feitas de cimento; seu lema parece ser a expressão litúrgica, ‘para sempre, pelos séculos dos séculos, amém...’

Nesse tipo de congregação os adultos precisam escutar os jovens, e estes deveriam estar representados na direção da igreja. Não é necessário que estejamos sempre de acordo com eles, porém devemos escutá-los com respeito. Os jovens, por sua vez, entenderam que a maneira com que Deus transforma a igreja institucional é mais pela reforma paciente do que pela revolução violenta.

Não precisamos nos opor ao formal através do informal; cada um é apropriado no seu momento. Precisamos dos serviços dignos e solenes no templo, mas também precisamos nos encontrar nos lares, onde podemos ser mais informais e espontâneos. A adoração se enriquece tanto com a dignidade como com a espontaneidade.

Um segundo aspecto do equilíbrio que guardava a adoração na igreja primitiva era sua atitude de gozo e ao mesmo tempo reverente. A palavra que traduz “alegria” no versículo 46 descreve gozo exuberante. Deus havia enviado seu Filho ao mundo, agora havia derramado Seu Espírito em seus corações... Como não iram estar alegres! O fruto do Espírito Santo é amor, e também é alegria.

Podemos imaginar naqueles crentes um gozo muito menos inibido do que as tradições costumam nos permitir. Algumas reuniões de adoração parecem mais funerais. Todos estão vestidos de preto, ninguém sorri, ninguém diz nada, tocam-se hinos com muita lentidão e toda atmosfera é lúgubre. Por quê? Alegremo-nos no Senhor! Cada reunião deve ser uma celebração alegre.

Contudo, a adoração da igreja primitiva também se caracterizava pela reverência. Seus cultos não eram irreverentes. Se em algumas reuniões o ambiente é funerário, em outros é demasiado leviano. Não refletem a presença solene e soberana de Deus. Os primeiros cristãos não conheciam esse erro. Quando o Espírito Santo renova a igreja, a enche de alegria e também de reverência ante Deus.

Evangelização contínua

Finalmente, uma igreja viva é uma igreja evangelizadora. Até aqui, temos considerado no estudo a comunhão e a adoração. Lucas nos diz que a igreja era fiel e perseverava nas coisas. Esses eram os feitos característicos da igreja, cheia do Espírito Santo desde o dia de Pentecostes: aprendiam dos apóstolos, ajudavam uns aos outros, adoravam a Deus. Se a passagem

terminasse aqui, esta seria uma igreja incompleta. Não há referência sobre o mundo, suas necessidades, sua alienação de Deus. Sempre é um risco tomar um versículo isolado. Atos 2:42 é um versículo favorito e clássico e se tem feito muitas mensagens e discursos sobre esta passagem. No entanto, se somente se faz referência ao versículo 42, todas essas mensagens ficam desequilibradas. Não há ali uma descrição completa e harmônica da igreja. Não poderíamos pensar em uma igreja como uma comunidade ocupada unicamente de si mesma, como se tivesse abandonado o mundo necessitado que está do lado de fora. Somente quando chegamos ao final da passagem, se completa a perspectiva:

“E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar”.
(Atos 2:47)

Nesta breve referência podemos aprender alguns pontos sobre a evangelização. O primeiro é que o Senhor mesmo acrescentava os que haviam de ser salvos. O Senhor Jesus inclui cada dia novos crentes à igreja. Certamente, Jesus Cristo delega aos ministros e líderes da igreja a tarefa de admitir os novos membros da igreja mediante o batismo. Porém somente Ele pode admiti-los na igreja invisível, quando se arrependem e confiam em Jesus como Salvador e Senhor. O ensinamento, o testemunho diário dos membros da igreja e sua vida de amor aos demais, são os meios que Deus usa para fazer chegar Sua mensagem ao mundo. Porém quem salva e incorpora novos membros a Sua igreja é Jesus Cristo.

Vivemos em uma época que confia muito no ativismo e na tecnologia. Sem dúvida, há de se fazer uso de toda tecnologia que o Senhor tem nos dado. Porém temos que nos humilhar diante de Deus e reconhecer que somente Cristo pode abrir os olhos dos cegos, destapar os ouvidos dos surdos e dar vida às almas mortas. A igreja hoje necessita ser mais humilde.

Um segundo ponto sobre a evangelização é que Jesus fazia duas coisas, e estas devem sempre estar juntas. Acrescentava cada dia à igreja os que iam ser salvos, quer dizer, não os acrescentava sem serem salvos nem os salvava sem os acrescentar a igreja. Salvação e vinculação à igreja são dois atos que vão juntos.

Em terceiro lugar, Jesus fazia isto cada dia. O Senhor fazia crescer dia a dia a comunidade. A evangelização não é um assunto ocasional, deve ser algo contínuo. Quando a igreja está cheia do Espírito Santo, se abre ao mundo necessitado de Deus e então as pessoas podem ser acrescentadas cada dia à igreja. Existem congregações que não têm tido um novo convertido nos últimos dez anos; e se chegassem a ter um, não saberiam o que fazer com ele,

tão extraordinário é o fenômeno! Cultivemos a expectativa de que o Senhor acrescente diariamente novos membros à igreja.

Relações renovadas

Os quatro sinais da igreja que vemos na igreja primitiva têm todos a ver com nossas relações.

O primeiro que se menciona é a relação com os apóstolos. Os cristãos se dedicavam a receber e conservar os ensinamentos dos apóstolos. Também estavam relacionados entre si: perseveravam na comunhão, se amavam uns aos outros, se cuidavam mutuamente. Certamente, se relacionavam com Deus. O adoravam no templo e nas casas, formal e informalmente, com alegria e com reverência. Finalmente, os primeiros cristãos estavam relacionados com o mundo fora da igreja, e por isso a cada dia chegavam mais pessoas que recebiam o evangelho de Jesus Cristo.

Faz um tempo, escutei um grupo de jovens que havia visitado todas as igrejas da cidade, mas não tinha encontrado nenhuma que realmente lhes satisfizesse. Deixaram de buscar e se denominaram a si mesmos de “cristãos desligados”. Quando perguntei o que tinham estado procurando, o que entendiam que deveria ser a igreja, mencionaram quatro pontos. Aqueles jovens não tinham idéia de que estas qualidades estavam escritas no livro de Atos; disseram que estavam buscando uma igreja que tivesse pregação bíblica, onde a Palavra fosse exposta e que tivesse aplicação prática. Em segundo lugar, buscavam uma igreja que tivesse comunhão real, onde os membros se cuidassem mutuamente e se apoiassem. Em terceiro lugar, buscavam uma igreja que adorasse, na qual fosse uma realidade a presença de Deus. Em quarto lugar, estavam buscando uma igreja que tivesse um ministério para o mundo.

O que aqueles jovens buscavam, como tantos outros, era nada menos que uma igreja viva, verdadeiramente renovada, uma igreja que mostrasse exatamente as quatro características que vimos estar presentes na igreja primitiva.

O Espírito Santo veio em Pentecostes e Ele não deixou a igreja. Nossa responsabilidade não é esperar que o Espírito Santo volte, mas antes, reconhecer Sua soberania na igreja. Devemos nos humilhar ante Ele, buscar sua plenitude, sua direção e Seu poder. Quando isso ocorrer, nossa igreja se aproximará a esse maravilhoso ideal que nos apresenta o livro de Atos: o ensinamento apostólico, a comunhão uns com os outros, a adoração viva, e a

evangelização contínua. Oremos por nossas igrejas, para que se renovem e cumpram o propósito para o qual Cristo fundou a Sua igreja!

2. IMPERFEITOS, MAS ENRIQUECIDOS

Paulo, chamado para ser apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus, e o irmão Sóstenes, à igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados para serem santos, com todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso: Graça seja convosco, e paz, da parte de Deus nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo. Sempre dou graças a Deus por vós, pela graça de Deus que vos foi dada em Cristo Jesus; porque em tudo fostes enriquecidos nele, em toda palavra e em todo o conhecimento, assim como o testemunho de Cristo foi confirmado entre vós; de maneira que nenhum dom vos falta, enquanto aguardais a manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual também vos confirmará até o fim, para serdes irrepreensíveis no dia de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados para a comunhão de seu Filho Jesus Cristo nosso Senhor. Rogo-vos, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que sejais concordes no falar; e que não haja dissensões entre vós; antes sejais unidos no mesmo pensamento e no mesmo parecer. Pois a respeito de vós, irmãos meus, fui informado pelos da família de Cloé que há contendas entre vós. Quero dizer com isto, que cada um de vós diz: Eu sou de Paulo; ou, Eu de Apolo; ou Eu sou de Cefas; ou, Eu de Cristo. Será que Cristo está dividido? Foi Paulo crucificado por amor de vós? Ou fostes vós batizados em nome de Paulo? Dou graças a Deus que a nenhum de vós batizei, senão a Crispo e a Gaio; para que ninguém diga que fostes batizados em meu nome. É verdade, batizei também a família de Estéfanos, além destes, não sei se batizei algum outro. Porque Cristo não me enviou para batizar; mas para pregar o evangelho; não em sabedoria de palavras, para não se tornar vã a cruz de Cristo. (I Coríntios 1:1-17)

Quando lemos os primeiros capítulos da carta aos Coríntios, encontramos uma imagem ambígua da igreja. Não poderia ser de outra maneira: o que o apóstolo descreve é a igreja real, com suas contradições e paradoxos. Há uma tensão entre o que a igreja aspira ser e o que a igreja é na realidade. Há uma distância entre o que a igreja é agora e o que chegará a ser algum dia. A igreja em Corinto não escapava desta ambigüidade, como se torna evidente desde os primeiros versículos da carta.

A saudação de Paulo: A ambivalência da igreja

Paulo, chamado para ser apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus, e o irmão Sóstenes, à igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados para serem santos, com todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso: Graça seja convosco, e paz, da parte de Deus nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo. (I Coríntios 1:1-3)

A carta começa, como era costume então, com a apresentação e a saudação de quem escreve. Paulo se apresenta primeiro a si mesmo como o escritor da carta e logo apresenta e saúda os coríntios, os destinatários da carta. Finalmente, o apóstolo apresenta a sua mensagem, resumindo em seu desejo para os coríntios: graça e paz de Deus e nosso Senhor Jesus Cristo.

Em nove das treze introduções das suas cartas, Paulo se apresenta como apóstolo de Cristo pela vontade de Deus ou por mandamento de Deus. Na saudação inicial desta carta, ainda que Paulo inclua Sóstenes na sua saudação à igreja, só aplica a si mesmo o título de “apóstolo de Jesus Cristo”, enquanto que a Sóstenes o chama de irmão.

Há muita confusão na igreja atual sobre a palavra “apóstolo”. No Novo Testamento este termo é usado em três sentidos. Em somente um versículo se aplica a todos os crentes, em João 13:16, onde Jesus disse que aquele que é enviado não é maior do que quem o enviou. A palavra “enviado” é traduzida do grego *apóstolo*. Jesus declara que os cristãos estão comprometidos com a missão apostólica da igreja no mundo. Nesse sentido geral, todo cristão é um apóstolo. O segundo uso da palavra se aplica aos cristãos como enviados da igreja. Em II Coríntios 8:23 e em Filipenses 2:25, Paulo descreve a Epafrodito como seu apóstolo ou enviado. Os “apóstolos da igreja” no Novo Testamento eram o que hoje chamamos missionários, mensageiros do evangelho enviados para uma igreja em particular com uma missão específica.

O uso mais freqüente do termo “apóstolo” no Novo Testamento é no seu sentido restrito, aplicado aos doze apóstolos de Jesus. A este grupo reduzido se somou o apóstolo Paulo, provavelmente Tiago e talvez mais alguns. Não eram apóstolos da igreja, mas sim apóstolos de Cristo, mensageiros que Ele havia elegido e chamado. Paulo, a exemplo dos doze, recebeu este chamado de Jesus Cristo de forma direta e pessoal. Como eles, também era testemunha da ressurreição. É certo que não havia conhecido Jesus Cristo em sua existência terrena; tão pouco teve o enorme privilégio de passar esses três anos formativos com os discípulos de Jesus. No entanto, o Cristo ressuscitado lhe apareceu pessoalmente; sem essa experiência da ressurreição de Cristo, Paulo não poderia ter sido um apóstolo.

Paulo se refere aos seus antecedentes como apóstolo no capítulo 9 da mesma carta aos Coríntios, e reitera o mesmo conceito no capítulo 15, ao enumerar as aparições de Jesus depois da ressurreição. Em 15:8, disse: “Por último, como a um abortivo, apareceu a mim”. Ainda que se trate de uma aparição peculiar de Cristo, posterior a sua ascensão, Paulo reclama a validade desta circunstância para respaldar seu nome na lista dos apóstolos. Podemos dizer com toda firmeza que na atualidade não há na igreja apóstolos de Jesus Cristo, porque ninguém teve uma aparição do Cristo ressuscitado. Existem

líderes, bispos, evangelistas, pioneiros, missionários e plantadores de igrejas aos quais podemos nos referir como ministros apostólicos. É válido dar-lhes o qualificativo “apóstolo” (adjetivo), porém não lhes corresponde o título de “apóstolo” (substantivo). Há uma diferença fundamental entre aqueles primeiros apóstolos e qualquer mensageiro do evangelho que os tem sucedido.

A igreja primitiva compreendeu muito bem esta diferença. Quando morreu o último apóstolo, a igreja sabia que se iniciava uma etapa nova, a era pós-apostólica. Uma das melhores evidências disto é o testemunho do bispo Ignácio da Síria, a quem os eruditos localizam ao redor de 110 DC, quando já tinham morrido os apóstolos. Ignácio foi condenado à morte por ser cristão e ia a caminho de Roma, fazia seu martírio. Durante a travessia, escreveu uma série de cartas às igrejas, algumas das quais chegaram até nós. Nelas Ignácio repete com frequência este conceito: “Não lhes dou ordem ou mandamento como fizeram Pedro e Paulo, porque eu não sou apóstolo para condenar os homens”. Ainda que fosse bispo, Ignácio enfatizava que não era apóstolo nem tinha a mesma autoridade que eles. É de se esperar que nós entendamos este conceito com a mesma clareza.

Se houvesse hoje pessoas com a mesma autoridade que aqueles primeiros apóstolos, deveríamos agregar seus ensinamentos ao novo Testamento e toda a igreja estaria comprometida em aceitá-los e obedecê-los. Porém ninguém tem a autoridade comparável à dos doze e Paulo. Devemos distinguir entre os apóstolos da igreja, os quais existem muitos ao redor do mundo hoje, e aqueles apóstolos de Cristo.

A igreja pertence ao mesmo tempo ao céu e à terra

Paulo escreve “à igreja de Deus que está em Corinto”. Quando escreve aos tessalonicenses saúda “à igreja dos tessalonicenses em Deus”. Ambas as descrições são verdadeiras. A igreja vive tanto “em Deus” como “no mundo”, ainda que tenha se tornado muito difícil manter o equilíbrio. Houve uma época em que a igreja se apartou totalmente do mundo. Com a pretensão de estar só em Deus, se isolou em um ambiente nostálgico. Em outras ocasiões, os cristãos cometem o erro oposto e se comprometem a tal ponto com o secular que perdem a identidade única que têm de estar ou pertencer a Deus.

A igreja não foi chamada nem para se excluir nem para se assemelhar totalmente ao mundo. Não temos liberdade para nos retirarmos do mundo, nem tão pouco para nos confundirmos com ele. Nas palavras de Jesus, devemos estar no mundo, porém não sermos parte do mundo. Precisamos lembrar continuamente que a igreja pertence a dois âmbitos: ao céu e a terra.

A igreja é santa e está em processo de santificação

A igreja tem dois estados em relação com a santidade; um é atual e o outro potencial. Por um lado, os cristãos já são santos, no sentido de terem sido separados para Deus. Por outro lado, são chamados para serem santos, a desenvolver uma vida de santidade.

Neste sentido, a igreja se parece muito ao antigo povo de Israel. No Antigo Testamento, uma e outra vez se nomeia Israel como nação santa. Era a nação escolhida por Deus. No entanto, não era uma nação de pessoas santas se é que não bem pelo contrário. Por isso, Deus constantemente os instava a voltar-se a Ele e a serem santos. A igreja hoje tem a mesma ambigüidade: já é santa e, ao mesmo tempo, Deus a chama para ser santa.

A igreja invoca a Deus e é chamada por Ele

Há uma reciprocidade nestes chamados, que poderíamos denominar de “objetivo” e “subjetivo”. Primeiro Deus nos chama para sermos santos e logo nos chama a Ele para que nos faça santos. Somente quando invocamos a Deus para que Ele realmente seja Deus em nós, temos esperança de chegar a ser o que realmente devemos ser.

Podemos dizer da igreja o que John Newton dizia de si mesmo. Havia sido traficante de escravos e logo que se converteu chegou a ser pastor e escritor de hinos, um dos quais é o tão conhecido “Maravilhosa graça”. Newton dizia: “Não sou o que devo ser, não sou o que quero ser, não sou o que um dia espero ser; mas graças a Deus não sou o que fui antes, e é pela graça de Deus que sou o que sou”. Essa é a realidade do “já” mas “ainda não” na vida individual do cristão, e é a verdade da igreja também.

A igreja é o povo santo de Deus; foi comprada pelo sangue precioso de Cristo e santificada pelo Espírito Santo. No entanto, Cristo ainda não apresentou diante do trono sua noiva ausente de manchas e rugas. Há uma tensão inevitável entre a realidade essencial e a realidade atual, entre o humano e o divino, entre o “já” e o “ainda não”. Para manter o equilíbrio é fundamental recordar que vivemos entre dois momentos-chaves na história: entre a primeira e a segunda vinda de Cristo. A história da igreja transcorre entre o que Cristo fez quando veio e o que fará quando vier outra vez, entre o “já” do Reino inaugurado e o “ainda não” do Reino consumado.

Esta tensão entre a igreja real e a ideal se vive muito especialmente em relação com a unidade da igreja. Em um sentido, há só uma igreja, a igreja de Deus, Sua igreja universal. No entanto, a igreja cristã ainda não é uma, e mais

bem se encontra dividida. Essa é a realidade, e devemos aprender a viver nela, ao mesmo tempo em que aceitamos a unidade essencial da igreja de Cristo.

Ação de graças: A identidade da igreja

Sempre dou graças a Deus por vós, pela graça de Deus que vos foi dada em Cristo Jesus; porque em tudo fostes enriquecidos nele, em toda palavra e em todo o conhecimento, assim como o testemunho de Cristo foi confirmado entre vós; de maneira que nenhum dom vos falta, enquanto aguardais a manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual também vos confirmará até o fim, para serdes irrepreensíveis no dia de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados para a comunhão de seu Filho Jesus Cristo nosso Senhor. (I Coríntios 1:4-9)

Antes de admoestar ou criticar a igreja por sua desunião, sua imoralidade, seus litígios, sua má conduta na Ceia do Senhor... Paulo dá graças por eles, com toda sinceridade, porque sabe que Deus está operando neles.

É sempre melhor ressaltar o positivo antes do negativo, e dar graças pelo bom antes de começar a corrigir ou criticar. Paulo dá graças tanto pelo que a igreja já é como pelo que um dia chegará a ser; dá graças a Deus pela graça presente e também pela glória futura da igreja.

O apóstolo harmoniza a ambigüidade da igreja porque sua perspectiva combina o passado, o presente e o futuro dos crentes. O *passado* se expressa na graça que foi dada aos coríntios em Cristo Jesus. Por Ele foram enriquecidos em toda palavra e conhecimento, tanto para a salvação como para o serviço. O “conhecimento” (*gnosis*) é neste caso o conhecimento recebido pela iluminação divina. Em outras palavras, os coríntios crentes tinham sido capacitados para conhecer a Deus por meio de Cristo. Também foram enriquecidos em toda “palavra” (*logos*), termo que alude à comunicação dessa revelação. O *presente* se reflete no versículo sete, quando o apóstolo declara que aos crentes não lhes falta nenhum *carisma* ou dom. Posto que foram enriquecidos em tudo, agora não lhes falta nada. Isto não quer dizer que todos os cristãos têm os dons; mais adiante, no capítulo 12, o apóstolo explica que o Espírito Santo é quem distribui os dons a cada crente na congregação. Cada igreja local pode ter a certeza de que tem recebido tudo o que precisa. Finalmente Paulo se move até o *futuro*. Essa igreja que foi enriquecida e à qual não falta nada está, no entanto, esperando ansiosamente a vinda de Cristo. Ainda que a igreja em Corinto houvesse sido enriquecida em tudo, estava muito longe de ser perfeita, como qualquer leitor da carta poderia se dar conta. Por isso Paulo vê o futuro, quando Cristo a confirmará definitivamente e a apresentará irrepreensível ante Deus.

Não há contradição entre esses três aspectos da identidade da igreja. Foi enriquecida no passado, não lhe falta no presente nenhum dom espiritual, e, no entanto, espera sua perfeição final. Paulo conclui no versículo nove com uma declaração maravilhosa:

Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados para a comunhão de seu Filho Jesus Cristo nosso Senhor. (I Coríntios 1:9)

Deus nos chamou (passado *aoristo* no grego) para ter comunhão com Seu Filho Jesus Cristo. Nossa experiência presente como cristãos é que, dia a dia, podemos viver em comunhão com Jesus Cristo. Deus é fiel e por Sua fidelidade podemos ter confiança no futuro. Ele manterá suas promessas.

A identidade da igreja se encontra nessa tensão entre o passado, o presente e o futuro. Mantenhamos essa perspectiva, e demos graças a Deus porque o que somos, e o que seremos, o devemos a Sua graça e fidelidade.

A apelação de Paulo: Unidade da igreja

Rogo-vos, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que sejais concordes no falar; e que não haja dissensões entre vós; antes sejais unidos no mesmo pensamento e no mesmo parecer. Pois a respeito de vós, irmãos meus, fui informado pelos da família de Cloé que há contendas entre vós. Quero dizer com isto, que cada um de vós diz: Eu sou de Paulo; ou, Eu de Apolo; ou Eu sou de Cefas; ou, Eu de Cristo. Será que Cristo está dividido? Foi Paulo crucificado por amor de vós? Ou fostes vós batizados em nome de Paulo? Dou graças a Deus que a nenhum de vós batizei, senão a Crispo e a Gaio; para que ninguém diga que fostes batizados em meu nome. É verdade, batizei também a família de Estéfanas, além destes, não sei se batizei algum outro. Porque Cristo não me enviou para batizar, mas para pregar o evangelho; não em sabedoria de palavras, para não se tornar vã a cruz de Cristo. (I Coríntios 1:10-17)

Depois da ação de graças, Paulo faz aos coríntios uma apelação comovente. Depois de agradecer a Deus pelo enriquecimento dos coríntios em Cristo, lhes faz um chamado urgente, por causa da dolorosa divisão que há entre eles. Acaba de lhes escrever sobre sua comunhão e agora tem de exortá-los pela sua falta de comunhão. Contudo, Paulo segue se dirigindo a eles como irmãos e irmãs. Quiçá o faz de propósito, para lembrá-los de que pertencem à família de Deus e que com seu comportamento, em alguma medida estão contradizendo sua identidade.

Paulo apela em nome de Cristo

No versículo dez, a palavra em grego significa literalmente que Paulo apela a eles *através* do nome de Jesus Cristo. Paulo não estava só declarando sua autoridade apostólica ou falando em nome de Jesus Cristo. Os exortava no único nome que todos os cristãos invocam e no qual todos foram batizados. Essa era a base para sua apelação.

Paulo apela à unidade

Em um só versículo, existem várias expressões que reforçam a apelação do apóstolo à unidade. O último verbo que usa é muito interessante. Em grego é o verbo *catarizo*, que fazia alusão a remendar ossos quebrados ou rede de pescar. É um verbo que denota a ação de reparar algo quebrado. No caso dos coríntios, é a comunhão que tinha sido quebrada e Paulo sabe que eles a irão reparar.

Paulo apela diante da desunião

Tinham falado a Paulo sobre as discussões e divisões que haviam entre os coríntios. Este é o único dado que Paulo tem a respeito da situação. O versículo doze explica em que consiste o problema. No grego, a expressão que se traduz “sou de” indica uma aliança ou pertencer a alguém. Os membros da igreja estavam declarando sua aliança ou lealdade a diferentes apóstolos. Parece ainda que uma destas facções reclamava uma união particular e exclusiva com Cristo. Alguns comentaristas têm interpretado que esta única frase, “eu pertencço a Cristo”, é um recurso retórico de Paulo para causar impacto. Mas as quatro expressões são idênticas em sua estrutura gramatical e mais bem parece indicar que este quarto grupo reclamava uma união especial com Cristo, talvez porque constituía os que O haviam visto ou ouvido pessoalmente.

Sugere-se que entre estes grupos haviam distintas teologias em competição. Na realidade, no texto não há nenhuma evidência delas. A divisão parece dever-se mais bem a personalidades em conflito do que a princípios ou correntes doutrinárias diferentes. Paulo se sente profundamente afetado por esse conflito e insiste com os coríntios que ele é irmão deles assim como eles o são dele. Ele não é um mestre nem eles o pertencem e, portanto, eles não têm nenhum direito de fazer estas alianças que os dividem entre si.

Ao final do capítulo 3 da mesma carta, Paulo afirma que se alguém pertence a alguém na igreja cristã, são os líderes que pertencem à igreja, e não esta aos líderes.

Paulo apela ao essencial

Há um matiz de urgência na apelação de Paulo, e com razão. A atitude partidarista ou separatista dos coríntios tem implicações muito sérias. Esses desacordos, disse Paulo, são teologicamente ofensivos porque contradizem os fundamentos do evangelho em três sentidos: contradizem a pessoa de Cristo, a cruz de Cristo e o significado do batismo em Cristo. Em outras palavras, Cristo era quem ficava ofendido e negado por todos os grupos.

Paulo mostra que essa conduta é inaceitável por meio de três perguntas retóricas, cada uma das quais se responde negativamente. Acaso está Cristo dividido? É sua primeira pergunta. Acaso há mais de um Cristo? Acaso fracionaram Cristo? Logicamente que não. Seria uma idéia ridícula. Existe um só Cristo, indivisível. A segunda pergunta retórica do apóstolo é: Foi Paulo crucificado por vocês? Em outras palavras, acaso vocês estão confiando em Paulo e sua crucificação para ser salvos? Aqueles que declaram pertencerem a Paulo estão supondo que ele é quem os redimiu. Só a idéia já era absurda. Cristo, não Paulo, é quem foi crucificado por eles. E em terceiro lugar, acaso foram batizados no nome de Paulo? Há alguma razão para ter uma aliança especial com algum ser humano por causa do batismo? Com esta argumentação, Paulo enuncia três verdades essenciais do evangelho.

A primeira é que Cristo é um só e indivisível: há só um Cristo, há só uma cabeça do corpo de Cristo. A segunda verdade é que Cristo foi crucificado por nós e, como consequência, pertencemos só a Ele. A terceira afirmação tem relação com o batismo cristão. O batismo é testemunho de nossa aliança com Cristo e de nossa exclusiva lealdade a Ele.

Paulo desenvolve o conceito do batismo com toda clareza em Romanos 6. Fomos batizados na morte e ressurreição de Cristo; a fé é “interna” e o batismo é a demonstração “externa” de que estamos unidos a Cristo em Sua morte e ressurreição. Em outras palavras, Sua morte é nossa morte e Sua ressurreição é nossa. Todos nós somos batizados em Cristo e só nEle.

Paulo sustenta que, com sua atitude sectária, os coríntios negavam as verdades essenciais do Evangelho porque davam a líderes humanos a posição que só Cristo tem. Sacrificavam o nome de Cristo, em cuja morte e ressurreição haviam sido batizados, em troca pelo nome de um ser humano que só os havia batizado fisicamente. O apóstolo se mostra agradecido de não haver batizado a nenhum deles, salvo a Crispo, a Gaio, e a família de Estéfanos. Ninguém mais poderia dizer que havia sido batizado em seu nome.

O que Paulo enfatiza é que não tem importância alguma quem é o que batiza. O que realmente importa é *em quem* somos batizados: em Cristo mesmo. Obviamente, Paulo não diminui a importância do batismo. Sabe que foi instituído por Jesus e que é parte integral da Grande Comissão. Como se depreende de Romanos 6, o apóstolo tinha uma percepção profunda do batismo.

Quanto a sua tarefa, Paulo se define como evangelista. É um pioneiro, chamado por Deus para levar a mensagem aos lugares onde ainda não havia sido pregada. Paulo afirma que a sua pregação não foi com palavras de sabedoria humana “para não fazer vã a cruz de Cristo”. Descobrimos aqui uma dupla renúncia por parte do apóstolo. Renunciou à sabedoria do mundo para pregar a “loucura” da cruz. Ademais Paulo renunciou à retórica e confiou só no poder do Espírito Santo.

O que fazer com as diferenças?

Há uma tensão iniludível entre o que a igreja é e o que deve ser, entre o que a igreja já é e o que chegará a ser. Vivemos esta tensão em nossas congregações, tal como ocorria na igreja em Corinto.

A situação é especialmente evidente na desunião entre cristãos. Sem dúvida há uma só igreja de Cristo, mas não mostramos e nem desfrutamos dessa unidade. A igreja é um povo santo de Deus, comprada pelo precioso sangue de Cristo e santificada pelo Espírito Santo. No entanto, a realidade ambígua da igreja é um desafio para que busquemos santidade e procuremos unidade em torno da essência do evangelho da cruz de Cristo.

Quando há diferenças sobre temas teológicos sérios, o Novo Testamento não só permite como ordena a separação da igreja. Em sua carta, o apóstolo João expõe com clareza as doutrinas que não devem ser toleradas dentro da igreja: aquelas que negam a humanidade de Jesus Cristo ou negam o evangelho da graça gratuita por meio da cruz. Quem as sustenta merece uma maldição ou juízo de Deus. Com a mesma severidade se expressa Paulo na carta aos gálatas. As falsas doutrinas sobre a pessoa e a obra de Jesus Cristo de nenhuma maneira podem ser aceitas. Sobre estes assuntos deve aplicar-se a disciplina na igreja, até a excomunhão, porque são verdades centrais do evangelho.

Em compensação, o que devemos fazer sobre os assuntos que são secundários, mas causam divisão? Há muitos temas que nos dividem. Ainda que todos creiamos no Pai, no Filho e no Espírito Santo, entramos em pleitos por muitos temas: a quantidade de água que se necessita para batizar alguém, a interpretação das profecias, porque cremos que certas profecias foram ou irão

ser cumpridas. Até nos dividimos por questões culturais em relação à liturgia. Todos cremos nos dons, cremos que a igreja é o corpo carismático de Cristo e cremos nos ministérios de todos os crentes. No entanto, discutimos sobre quais são os dons mais importantes e como são recebidos.

Há inumeráveis polêmicas sobre assuntos secundários. Como diferenciamos o primário do secundário, o central e o marginal? Sugiro uma norma que pode ajudar quando queremos dialogar entre cristãos bíblicos, isto é, entre cristãos que consideram a Bíblia como máxima autoridade. Se estivermos igualmente dispostos a submeter-nos à autoridade das Escrituras e chegarmos a decisões diferentes sobre um tema, então devemos concluir que esse é um assunto secundário. Se as Escrituras não são claras para nos levar a uma conclusão única, significa que esse assunto não é central ao evangelho e que sobre esse tema devemos aceitar e respeitar nossas diferenças.

Estes são temas aos quais chamamos de *adiáfora*, isto é, assuntos que não são essenciais senão marginais. Um breve epigrama que vem do século XVII, e que se adjudica a Ruperto Meldinius, é de muita ajuda neste terreno. Traduzido do latim, expressa:

No essencial, unidade.
No que não é essencial, liberdade.
Em todas as coisas, caridade.

Sem dúvida a igreja pode ser uma comunidade mais harmoniosa e uma esfera mais feliz se nos esforçarmos por viver com este critério. Não deveríamos brigar por assuntos doutrinários secundários. Muito menos brigar por zelos, por ambição ou por questões de personalidade, como ocorreu na igreja em Corinto e ocorre hoje em muitos lugares. Pergunto-me que aconteceria com as divisões eclesiais se pudéssemos pensar sobre isto de maneira honesta. Muitas das nossas divisões respondem mais a diferenças culturais que teológicas. Outras, mais a temperamentos que a princípios doutrinários. E muitas são causadas por ambições pessoais mais do que por ambição em Cristo.

Examinemos nossas motivações. Tenhamos cuidado, ao pregar e batizar, de não estimular às pessoas a se sentirem mais leais a nós do que ao Senhor. Isto era o que havia horrorizado Paulo. Substituir o nome de Cristo pelo nosso próprio nome é contradizer o evangelho. O apóstolo culmina o capítulo 1 com um chamado à humildade. Pede que ninguém se jacte em outros seres humanos e muito menos em si mesmo: “O que se gloria, glorie-se no Senhor” (1:31). Esse é o essencial. Que nosso anelo seja estarmos cada vez mais centrados em Jesus Cristo, tanto em nossa doutrina como em nossa vida.

3. PODER NA FRAQUEZA

Porque a palavra da cruz é deveras loucura para os que perecem, mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus. Porque está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios, e aniquilarei a sabedoria e o entendimento dos entendidos. Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o questionador deste século? Visto como na sabedoria de Deus o mundo pela sua sabedoria não conheceu a Deus, aprouve a Deus salvar pela loucura da pregação os que crêem. Pois, enquanto os judeus pedem sinal, e os gregos buscam sabedoria, nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus, e loucura para os gregos, mas para os que são chamados, tanto judeus como gregos, Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte que os homens. Ora, vede, irmãos, a vossa vocação, que não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos. Nem muitos os nobres que são chamados. Pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para confundir os sábios; e Deus escolheu as coisas fracas do mundo para confundir as fortes; e Deus escolheu as coisas ignóbeis do mundo, e as desprezadas, e as que não são, para reduzir a nada as que são; para que nenhum mortal se glorie na presença de Deus. Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção; Porventura não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo? Para que, como está escrito: Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor. E eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não fui com sublimidade de palavras ou de sabedoria. Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado. E eu estive convosco em fraqueza, e em temor, e em grande tremor. A minha linguagem e a minha pregação não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria, mas em demonstração do Espírito de poder; para que a vossa fé não se apoiasse na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus. (I Coríntios 1:18-2:5)

Nesta passagem o apóstolo Paulo menciona quatro vezes o poder (1:18-24; 2:4-5). Faz referência ao poder de Deus, da cruz, de Cristo e do Espírito Santo. A estas referências podemos agregar mais duas, tomadas de sua segunda carta aos Coríntios:

Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não da nossa parte. (II Coríntios 4:7) E ele (o Senhor) me disse: A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. Por isso, de boa vontade antes me gloriarei nas minhas fraquezas, a fim de que repouse sobre mim o poder de Cristo. (II Coríntios 12:9)

Hoje vivemos em uma sociedade que adora o poder. Obviamente, a situação não é nada nova. A cobiça pelo poder tem caracterizado sempre o ser humano. Foi precisamente essa ambição que conduziu a queda de Adão e

Eva, já que Satanás os tentou a desobedecer em troca de lhes dar poder. A sede de poder se expressa hoje em três ambições humanas muito amplas: a ambição desmedida pelo dinheiro, pela fama e pela influência. Encontramos esta cobiça pelo poder em todos os âmbitos: na política, na vida pública, nas relações familiares, nos negócios, na indústria e no exercício profissional. Lamentavelmente, também aparece na igreja: na luta pelo poder eclesiástico nos altos níveis, nas disputas denominacionais, no exercício da liderança em algumas igrejas locais e ainda nas organizações paraeclesiásticas que pretendem converter-se em impérios mundiais. Se formos honestos, descobriremos que esta sede de poder chega ao púlpito. O púlpito é um lugar extremamente perigoso para qualquer filho de Adão. O poder é mais intoxicante que a bebida e mais vicioso que as drogas. Lorde Acton, um político inglês do século XIX, estava preocupado pelas lutas de poder no seio do governo que pretendia ser democrático, e ainda na igreja católica romana, à que ele pertencia. Em 1817, o Concílio Vaticano I declarou a infalibilidade do Papa. Lorde Acton manifestou seu desacordo, e suas palavras seguem vigentes: “O poder tende a corromper e o poder absoluto corrompe absolutamente”.

Também deveria nos preocupar a luta pelo poder que vemos entre os evangélicos, ainda se se trata do poder do Espírito Santo. Porque queremos receber poder? Buscamos realmente o poder para testificar, para viver em santidade, para viver com humildade? Ou reflete um desejo egoísta de exaltar nossa própria figura, ampliar nossa influência, impressionar e até manipular os outros? Até o evangelismo pode ser, em ocasiões, uma forma velada de imperialismo se promove mais o poder humano do que o Reino de Deus.

Nossa única preocupação deveria ser a majestade absoluta do Senhor Jesus Cristo e a honra de Seu Reino. Cristo mesmo nos adverte contra a ambição de poder. Ainda que no mundo usa-se a autoridade para controlar outros, Jesus disse a seus discípulos que não devia ser assim entre eles:

Mas entre vós não será assim; antes, qualquer que entre vós quiser tornar-se grande, será esse o que vos sirva; e qualquer que entre vós quiser ser o primeiro, será servo de todos. Pois também o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos. (Marcos 10:42-45)

Jesus não se aferrou ao poder que legitimamente lhe pertencia. Se Ele renunciou ao poder, nós devemos fazer o mesmo. Esta perspectiva é totalmente oposta à do mundo. Este valoriza o poder. Deus, pelo contrário, insiste na humildade. Não há maneira de reconciliar estas duas perspectivas. São opostas e devemos escolher entre elas.

Provavelmente temos absorvido mais do que demos conta desta mentalidade secular. O filósofo Nietzsche construiu todo um sistema sobre a premissa do poder. Propunha um mundo dominado por governantes autoritários e opressores, no qual não havia lugar para seres débeis e enfermos. Seu ideal era o super-homem. Nietzsche adorava o poder e depreciava Jesus Cristo por sua fraqueza. Ao contrário, o modelo que Cristo pôs diante de nós foi um menino. Por isso, o título deste capítulo nos apresenta diretamente o paradoxo do Evangelho: poder na fraqueza. Esse é o tema central de ambas as cartas de Paulo aos coríntios. Diferente do mundo, o poder de Deus se mostra por meio da fraqueza. A fragilidade humana é o terreno no qual se manifesta o poder divino.

Na passagem de I Coríntios 1:17-2:5 encontramos três expressões da mesma realidade: o poder de Deus se mostra na fraqueza da mensagem, na fraqueza dos receptores desta mensagem, e na fraqueza daqueles que pregam a mensagem.

A fraqueza na mensagem: a cruz

Porque a palavra da cruz é deveras loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus. Porque está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios, e aniquilarei a sabedoria e o entendimento dos entendidos. Onde está o sábio? Onde o escriba? Onde está o questionador deste século? Visto como na sabedoria de Deus o mundo pela sua sabedoria não conheceu a Deus, aprovou a Deus salvar pela loucura da pregação os que crêem. Pois, enquanto os judeus pedem sinal, e os gregos buscam sabedoria, nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus, e loucura para os gregos, mas para os que são chamados, tanto judeus como gregos, Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte que os homens. (I Coríntios 1:18-25)

Paulo repete duas vezes o conceito de poder na fraqueza da mensagem: nos versículos 18-21 nos versículos 22-25. Ambos os parágrafos começam com uma referência à cruz e em ambos os casos o apóstolo assinala que a perspectiva humana da cruz é diferente da de Deus.

A loucura da pregação

O versículo 21 culmina no primeiro parágrafo com uma afirmação maravilhosa do Evangelho. Contém três importantes contrastes. Quem tomou a iniciativa de vir para salvar os pecadores? A resposta põe em evidência o primeiro contraste entre Deus e o mundo. A sabedoria do mundo falhou, mas Deus tomou a iniciativa e enviou Seu Filho para salvar aqueles que creram nEle. O resultado desta iniciativa de Deus nos mostra o segundo contraste. A

salvação em Cristo não é só conhecimento acerca de Deus, tal como a sabedoria humana poderia chegar a oferecer. A salvação que Deus oferece é muito mais que simplesmente conhecer sobre Ele; é restaurar plenamente nossa relação com Ele. O terceiro contraste surge ao perguntar como se levou a cabo esta iniciativa. Deus o fez através da “loucura da pregação”. O que era impossível para a sabedoria do mundo, Deus se contentou em fazer através do *kerygma*, isto é, a mensagem do evangelho.

Loucura da cruz

O segundo parágrafo sobre a fraqueza da mensagem do Evangelho compreende os versículos 22-25. O apóstolo elabora outra vez o mesmo tema; Deus mostra a Sua sabedoria através da loucura de cruz. É na cruz, com toda a sua fraqueza, que Deus demonstra o Seu poder. Paulo faz referência à perspectiva que tanto os judeus como os gentios tinham da cruz.

Os primeiros pediam sinais e milagres. Esperavam um Messias político que expulsasse as legiões romanas para o mar Mediterrâneo e restaurasse a soberania do povo de Israel. Cada vez que um líder revolucionário dizia ser o Messias anunciado, os judeus lhe pediam sinais de poder que dessem credibilidade a suas pretensões. Por isso, uma e outra vez, faziam a Jesus essa pergunta: Quais são os sinais que tu fazes, para que te creiamos? Os judeus esperavam poder, não fraqueza. O Cristo crucificado era um tropeço para as expectativas judias, que imaginavam um líder poderoso cavalcando a frente de um potente exército. O que lhes oferecia o Evangelho? A patética figura do nazareno crucificado, um verdadeiro insulto ao orgulho nacional. Como podia o Messias de Deus terminar Sua vida crucificado, condenado por seus compatriotas e ainda debaixo da maldição de Deus mesmo? Para a perspectiva judaica isto era inaceitável.

Os gregos, por sua parte, esperavam demonstrações de sabedoria. Estavam treinados para escutar cada nova teoria e comprovar se era razoável para a lógica humana. Se para os judeus a cruz era expressão de fraqueza, para os gentios era de loucura. Para os gregos e romanos a crucificação era um método de execução pública muito humilhante. Estava reservada unicamente a criminosos; nenhum cidadão livre era crucificado. Redundava inconcebível dessa forma. Cícero, o grande orador romano, disse que a cruz não só era alheia ao corpo de um romano senão para sua mente, seus olhos e seus ouvidos. A cruz era algo tão horroroso que um cidadão não devia presenciar uma crucificação, nem falar sobre ela, nem ainda considerá-la em sua imaginação.

Em contraste com a percepção da cruz que tinham tanto judeus como gentios, Deus fez dela o meio para mostrar a Sua sabedoria e poder: “Cristo é

o poder e a sabedoria de Deus, porque o insensato de Deus é mais sábio do que os homens, e o fraco de Deus é mais forte do que os homens” (1:24-25).

Porque descartamos a cruz?

As palavras de Paulo são muito relevantes em nossos dias e têm especial aplicação no ministério da pregação. Ainda que não nos enfrentemos com judeus nem com gregos do primeiro século, existem modernos representantes de ambos os grupos. A cruz continua sendo pedra de tropeço para aqueles que, como Nietzsche, adoram o poder. A cruz é tropeço para todos os que confiam no poder humano e em sua própria capacidade para se salvar.

Como os judeus contemporâneos de Paulo, muitos de nós tratamos de nos amparar em nossa própria justiça. Muitas pessoas crêem que Deus está obrigado a aceitá-las por suas boas obras. Quem pensa assim tem uma percepção muito pequena de Deus, ou melhor, uma exagerada percepção de si mesmos. Ao contrário, aqueles que tiveram sequer uma visão parcial da majestade de Deus não podem cair em nenhum destes erros. Nunca ninguém pode se salvar a si mesmo e ninguém nunca o fará. Essa é a mensagem da cruz e por isso é pedra de tropeço para aqueles que têm uma exagerada percepção de seu próprio poder.

Assim como a cruz é tropeço para os que confiam em sua própria moralidade, é loucura para aqueles que confiam em sua própria capacidade intelectual. A. G. Ayer, um filósofo de Oxford particularmente famoso logo depois da Segunda Guerra Mundial, escreveu um livro intitulado *Linguagem, verdade, e lógica*. Assim se referiu com sarcasmo ao Cristianismo:

De todas as religiões históricas, há muito boas razões para considerar o Cristianismo como a pior, porque descansa em duas doutrinas. A primeira é o Pecado Original, e a segunda, a expiação vicária de Cristo. Ambas são intelectualmente inconcebíveis e moralmente absurdas.

Esta é a perspectiva do mundo sobre a cruz. Ao contrário, para aqueles que Deus chamou, a cruz não é fraqueza, mas poder. Não é loucura, mas sabedoria. A cruz é o poder de Deus porque por meio dela Deus tornou possível a salvação dos pecadores. Ele nos reconcilia consigo mesmo, nos livra da culpa de Seu justo juízo sobre os nossos pecados. Ele nos liberta da escravidão de nosso egocentrismo e nos põe nos elevados caminhos da santidade. Tudo isso só é possível por meio da cruz.

A cruz é também sabedoria de Deus, porque por meio dela Deus não só resolve o nosso problema mas também, por assim dizer, Seu próprio

dilema. Como poderia Deus expressar sua justiça e condenar os pecadores sem frustrar desta maneira Seu amor por eles? Como poderia expressar Seu amor e perdoar pecadores, sem pôr em dúvida Sua justiça? Em outras palavras, como poderia ser ao mesmo tempo um Deus justo e salvador? A resposta de Deus foi a cruz. Ali, em Seu Filho, tomou nosso lugar, levou nossos pecados e morreu nossa morte. Paulo desenvolve este tema extensamente em sua carta aos Romanos. Em 3:21-26 declara que, na cruz, Deus demonstrou Sua justiça. E em 5:8, 22 afirma também que ali Deus demonstrou seu amor. Sem dúvida a cruz é sabedoria de Deus, muito mais efetiva e poderosa que a sabedoria humana!

Poder na fraqueza dos crentes

Ora, vede, irmãos, a vossa vocação, que não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos. Nem muitos os nobres que são chamados. Pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para confundir os sábios; e Deus escolheu as coisas fracas do mundo para confundir as fortes; e Deus escolheu as coisas ignóbeis do mundo, e as desprezadas, e as que não são, para reduzir a nada as que são; para que nenhum mortal se glorie na presença de Deus. Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção; Porventura não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo? Para que, como está escrito: Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor. (I Coríntios 1:26-31)

Deus não escolheu mostrar Seu poder na fraqueza da mensagem, mas também na fraqueza de quem recebe a mensagem. Os versículos 26-27 descrevem os crentes em Corinto. Não havia evidências de sabedoria nem de poder entre a gente convertida ali – bem pelo contrário. São termos fortes os que Paulo usa no versículo 27: louca, fraca, ignóbil, desprezada do mundo... Nesta classe de gente havia atuado o poder de Deus.

A estratégia divina não mudou. Deus segue escolhendo o que para o mundo “não é” para desfazer o que tem pretensão de ser algo. Nos versículos que seguem, o apóstolo explica que Deus quis fazê-lo para que ninguém se jacte em Sua presença. Todo o crédito da salvação pertence unicamente a Deus. Por Ele, e só por Ele, Jesus Cristo é para nós sabedoria, justificação, santificação e redenção. Cristo é nossa *justificação* porque por Ele fomos postos em harmonia com Deus. Isto já aconteceu no passado. Cristo, ademais, é nossa *santificação*, que é o processo que transcorre no presente e pelo qual chegamos a ser como Ele. E em terceiro lugar, é nossa *redenção*. O contexto indica que se refere à redenção de nossos corpos, e por isso faz referência indireta à glória futura.

Estas três realidades são evidência do poder de Deus em nós por meio de Cristo. Em outras palavras, Cristo é a demonstração do poder de Deus

nestes três fatos que se cumprem, respectivamente, no passado, no presente e no futuro. Em nenhum sentido podemos atribuir estas realidades a algum mérito nosso. Tudo se deve à graça de Deus, através de Cristo na cruz.

O primeiro capítulo desta carta de Paulo culmina no versículo 31, onde o apóstolo cita o profeta Jeremias. Ainda que a referência de Paulo não seja completa, vale a pena ler no Antigo Testamento, por sua pertinência neste tema:

Assim diz o Senhor: Não se glorie o sábio na sua sabedoria, nem se glorie o forte na sua força; não se glorie o rico nas suas riquezas; mas o que se gloriar, glorie-se nisto: em entender, e em me conhecer, que eu sou o Senhor, que faço benevolência, juízo e justiça na terra; porque destas coisas me agrado, diz o Senhor. (Jeremias 9:23-24)

A maioria dos convertidos de Corinto pertencia aos níveis mais baixos da sociedade. Ainda que houvesse exceções, não havia entre eles pessoas de influência; tão pouco eram aristocratas ou intelectuais. Mais bem os que aceitavam o Evangelho eram os incultos, os pobres, os socialmente excluídos e os escravos. O fato de que o Evangelho havia chegado a eles para salvá-los e os transformar, foi outra evidência que Paulo usou para mostrar que o poder de Deus se manifesta na fraqueza humana.

A quem pregamos?

Como aplicamos este ensinamento à situação de hoje? O apóstolo não afirma em nenhum momento que Deus nunca salva pessoas inteligentes, ricas ou influentes. Paulo mesmo, antes Saulo de Tarso, era uma pessoa instruída e sábia. Em Corinto se havia convertido Crispo, regedor e chefe da sinagoga local. É interessante a quem Paulo menciona nas saudações que envia a igreja em Corinto à em Roma, na carta que Paulo os escreve estando em Corinto. Um dos mencionados no último capítulo é Gaio, um homem tão rico que poderia ter oferecido hospitalidade a toda a comunidade cristã em Corinto. Outro deles, Erasto, era encarregado das obras públicas da cidade.

Estes exemplos são importantes para que façamos uma correta aplicação dos ensinamentos do apóstolo. Seria errado pensar, por exemplo, que não devemos evangelizar os universitários, os líderes da comunidade ou os ricos. O que Paulo declara é que o poder de Deus só produz salvação nos fracos. Se alguém que é forte do ponto de vista humano quer ser salvo, deve estar disposto a se tornar fraco. Jesus Cristo ensinou claramente esta verdade, quando bendisse aos meninos e disse que os que querem entrar no Reino de Deus têm que se fazer como um deles (Marcos 10:13-15).

Poder na fraqueza de quem prega

E eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não fui com sublimidade de palavras ou de sabedoria. Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado. E eu estive convosco em fraqueza, e em temor, e em grande tremor. A minha linguagem e a minha pregação não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria, mas em demonstração do Espírito de poder; para que a vossa fé não se apoiasse na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus. (I Coríntios 2:1-5)

Deus elegeu a fraqueza e a loucura da cruz para nos salvar, e só os que se reconhecem débeis podem receber essa mensagem de salvação. Agora, o apóstolo agrega que o mensageiro do Evangelho não tem poder senão em sua fraqueza.

Hudson Taylor, que viveu no século XIX, foi fundador das missões à China, e dizia que todos os gigantes de Deus foram pessoas fracas. Isto é muito certo com respeito ao apóstolo Paulo. Em contraste com aqueles a quem chamava de superapóstolos, Paulo não confiava em suas próprias habilidades. Aqueles eram soberbos, tinham confiança em si mesmos e se jactavam de sua própria autoridade e poder. Com sua atitude estavam causando problemas na igreja em Corinto. Paulo disse mui claramente que os que assim atuavam eram falsos apóstolos. Ele, pelo contrário, se reconhecia fraco e recusava usar sua própria sabedoria humana. Paulo havia renunciado à filosofia humana e havia escolhido a cruz de Cristo. Ademais, havia renunciado à retórica grega e havia optado confiar só no poder do Espírito.

Ao começar o capítulo 2 Paulo declara, uma vez mais, que ele não quer apelar à sabedoria humana senão unicamente a Jesus Cristo, e a este crucificado. Confessa aos coríntios que ao chegar ali havia se sentido nervoso e assustado. No entanto, em vez de confiar em sua própria retórica, pôs sua confiança na demonstração do Espírito e do poder de Deus.

Esta confissão de fraqueza não é típica dos pregadores evangélicos na atualidade. Nos seminários se preocupam em inculcar nos estudantes confiança em si mesmos e destreza na pregação. Se Paulo se matriculasse em um seminário hoje, provavelmente não o considerariam um estudante muito promissor. Seguramente lhe teriam dito: “Paulo, você é um cristão maduro; não tem nenhum motivo para estar nervoso. Por um acaso você não sabe o que é estar cheio do Espírito Santo? Você deve ser forte e mostrar confiança em si mesmo”.

Ainda que fosse inteligente e tivesse uma personalidade forte, ao mesmo tempo era frágil e emocionalmente vulnerável. Porém, Paulo não tinha

vergonha de admitir que tinha medo. Chegou até nós uma descrição do apóstolo que data do século III, que pode ou não ser precisa. Esta tradução diz que Paulo era uma pessoa de pouca estatura, feio, calvo, encurvado e sobrelhas muito cerradas. No Novo Testamento, vemos que seus opositores diziam que sua aparência física era fraca e que não era eloquente ao falar.

Não era precisamente alguém a quem valeria a pena olhar e escutar! Seguramente tudo isso contribuía com esse sentimento de debilidade que tinha Paulo. Mas em sua fraqueza, ele recordava e recorria ao poder de Deus. A menção, no versículo 4, à demonstração do Espírito e do poder em sua pregação provavelmente não se refere a milagres, ainda que também os tenha feito. É mais provável que se refira ao milagre da conversão de seus ouvintes. Cada apresentação do Evangelho envolve um encontro de poder entre Cristo e Satanás, e em cada conversão se demonstra o poder superior de Jesus Cristo. Isto é possível porque o Espírito Santo toma nossas palavras, pronunciadas com fraqueza, e com Seu poder as leva à mente, ao coração e à consciência dos que escutam, para que possam reconhecer a verdade e crer.

Quem converte os pecadores?

Uma vez mais, não devemos interpretar equivocadamente este ensinamento de Paulo. Não nos é pedido que reprimamos nossa personalidade ou que simulemos ser fracos. Tão pouco se sugere que cultivemos uma falsa fragilidade, ou que renunciemos usar a razão quando apresentamos o Evangelho. Antes, o que o apóstolo exemplifica e ensina é um reconhecimento honesto de que nós não podemos salvar a ninguém. Não é uma personalidade envolvente nem a persuasão inteligente que produz convicção. Só o Espírito Santo pode converter. Só Deus dá vista aos cegos e vida aos mortos. É o Espírito de Deus que manifesta Seu poder por meio do Evangelho de Jesus Cristo. O poder não está em nós, como tão pouco estava em Paulo; está na cruz e no Espírito Santo.

Em 1958, eu estive participando em uma missão evangelista na Universidade de Sidney, na Austrália. Havia feito apresentações durante toda uma semana e no último dia estava totalmente sem voz. Ainda que tenha orado, meu estado era pior ao chegar o horário da reunião. Pus minha confiança no Senhor, sem saber o que poderia suceder. Pedi a alguns estudantes cristãos que lessem a passagem de II Coríntios 12:9-12. Como Paulo, sabia que o poder de Deus se aperfeiçoaria na minha fraqueza. Como ele, decidi regozijar-me nas minhas fraquezas e em meus problemas, para que o poder de Deus se mostrasse. Nesse dia não pude usar nenhum recurso para modular a voz nem dar expressão à mensagem. Foi uma pregação roca e monótona. Quando fiz o convite para aceitar Jesus Cristo, houve uma

resposta maior do que a dos dias anteriores. De todo o salão se adiantavam estudantes para receber a Cristo. Mas o mais interessante é o seguinte: desde 1958 tenho voltado uma dezena de vezes à Austrália. Em cada visita, alguém tem chegado e me dito: “Lembra daquela reunião na Universidade de Sidney? Eu me converti naquela noite!” Aquelas conversões foram duradouras. Sem dúvida, é um exemplo de que o poder de Deus se mostra ainda mais em nossa fraqueza.

O Cordeiro de Deus

Temos uma mensagem apresentada em uma cruz, que expressa fraqueza. Esta mensagem é proclamada por pregadores fracos, cheios de temor. E é recebida por pessoas fracas, desprezadas pelo mundo. Deus quis escolher um instrumento fraco para apresentar a mensagem de Cristo crucificado aos proletários em Corinto, e Ele atua da mesma maneira hoje.

O princípio do poder na fraqueza alcança sua máxima expressão na pessoa de Cristo. Sendo Deus, não se aferrou a Sua condição; pelo contrário, se esvaziou de Seu poder e Sua glória, e se humilhou para nos servir e nos salvar. Depois de ser batizado por João, Jesus foi tentado no deserto da Judéia. Ali, o diabo lhe ofereceu poder, mas Jesus Cristo o repeliu. Pelo contrário, com firmeza se dirigiu a Jerusalém e se entregou voluntariamente à máxima expressão de fraqueza e humilhação: a morte na cruz. Por isso Deus o exaltou a mais alta honra.

Se acompanharmos a João no capítulo 4 de Apocalipse, veremos uma porta aberta no céu. A primeira coisa que se vê desta porta aberta é um trono, símbolo de poder e soberania. É o trono do Reino de Deus. O apóstolo João continua descrevendo sua visão e algo nos enche de assombro. No trono não somente reconhece Deus em toda Sua grandeza, senão a um Cordeiro “como imolado”. Se o trono é símbolo de poder, o cordeiro tosquiado e sacrificado é símbolo de fraqueza. Em outras palavras, ali, no trono da eternidade, reina o poder através da fraqueza. Deus em Cristo, na cruz; e o Cordeiro de Deus, no trono. Essa é a própria essência de Deus. Que haja em nós a mesma atitude que houve em Cristo Jesus!

Isto é o que o mundo mais precisa. Este é o tipo de líder cristão que a igreja precisa hoje. Onde estão? Líderes e evangelistas que olhem para o Cordeiro no trono e o sigam aonde quer que Ele vá. Homens e mulheres que renunciem à sabedoria e ao poder deste mundo, porque sabem que o poder de Deus se manifesta na sua fraqueza.

4. O ESPÍRITO E A PALAVRA

Na verdade, entre os perfeitos falamos sabedoria, não porém a sabedoria deste mundo, nem dos príncipes deste mundo, que estão sendo reduzidos a nada; mas falamos a sabedoria de Deus em mistério, que esteve oculta, a qual Deus preordenou antes dos séculos para nossa glória; a qual nenhum dos príncipes deste mundo compreendeu; porque se a tivessem compreendido, não teriam crucificado o Senhor da glória. Mas, como está escrito: As coisas que olhos não viram, nem ouvidos ouviram, nem penetraram o coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam. Porque Deus no-las revelou pelo seu Espírito; pois o Espírito esquadrinha todas as coisas, mesmos as profundezas de Deus. Pois, qual dos homens entende as coisas do homem, senão o espírito do homem que nele está? Assim também as coisas de Deus, ninguém as compreendeu, senão o Espírito de Deus. Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, mas sim o Espírito que provém de Deus, a fim de compreendermos as coisas que nos foram dadas gratuitamente por Deus; as quais também falamos, não com palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas com palavras ensinadas pelo Espírito Santo, comparando coisas espirituais com espirituais. Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque para ele são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente. Mas o que é espiritual discerne bem tudo, enquanto ele por ninguém é discernido. Pois, quem jamais conheceu a mente do Senhor, para que possa instruí-lo? Mas nós temos a mente de Cristo. (I Coríntios 2:6-16)

As três personagens da trindade tiveram intervenção na composição das Escrituras. A Palavra veio de Deus, se enfoca em Cristo e foi inspirada pelo Espírito Santo. Podemos definir a Bíblia como o testemunho do Pai sobre o Filho, dado através do Espírito. Dedicaremos este capítulo para refletir sobre o papel do Espírito Santo na composição e interpretação das Sagradas Escrituras.

Na seção inicial da sua carta, Paulo pôs em evidência o contraste entre a sabedoria do mundo e “a loucura do Evangelho”. A cruz de Cristo é pedra de tropeço para os judeus e loucura para os gentios. Nesta seção, reflete acerca da verdadeira sabedoria. Quiçá o faz como uma compensação no seu argumento, para que os coríntios não pensem que o apóstolo rechaça completamente a sabedoria e que prefere a loucura, a estupidez. Acaso rechaça o apóstolo o conhecimento e o lugar da mente? Logicamente que não.

A verdadeira sabedoria

Na verdade, entre os perfeitos falamos sabedoria, não porém, a sabedoria deste mundo, nem dos príncipes deste mundo, que estão sendo reduzidos a nada; mas falamos a sabedoria de Deus em mistério, que esteve oculta, a qual Deus preordenou

antes dos séculos para nossa glória; a qual nenhum dos príncipes deste mundo compreendeu; porque se a tivessem compreendido, não teriam crucificado o Senhor da glória. Mas, como está escrito: As coisas que olhos não viram, nem ouvidos ouviram, nem penetraram o coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam. (I Coríntios 2:6-9)

A verdadeira sabedoria tem três características. Em primeiro lugar, é para os que são nascidos de novo em Cristo, e só para os maduros; não para os recém-nascidos na fé. É “comida sólida” que os imaturos ainda não estão em condições de assimilar. Em segundo lugar, a sabedoria verdadeira vem de Deus, não do mundo. E, por último, o propósito desta sabedoria é nossa glória. As boas novas não só anunciam a justificação por fé; incluem a certeza de que nosso destino final é compartilhar a glória de Deus.

Os pensamentos de Deus são inalcançáveis para a mente humana. Como disse Isaías:

Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor. Porque, assim como o céu é mais alto do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos. (Isaías 55:8-9)

Esta sabedoria que vem de Deus só se pode conhecer se Ele a revelar. Por isso, nos próximos versículos, Paulo descreve a obra do Espírito Santo como agente da revelação divina. Sua função abarca quatro aspectos; o Espírito esquadrinha, revela, inspira e ilumina a verdade de Deus.

O Espírito esquadrinha

Porque Deus no-las revelou pelo seu Espírito; pois o Espírito esquadrinha todas as coisas, mesmos as profundezas de Deus. Pois, qual dos homens entende as coisas do homem, senão o espírito do homem que nele está? Assim também as coisas de Deus, ninguém as compreendeu, senão o Espírito de Deus. (I Coríntios 2:10-11)

O Espírito esquadrinha tudo, ainda o profundo de Deus. A atividade de esquadrinhar ou investigar mostra que o Espírito Santo é uma pessoa, não meramente “algo” ou uma “força”. É um ser pessoal que tem a capacidade de investigar. Como sabe qualquer investigador, existem aspectos da análise e reflexão nos quais o mais avançado dos computadores é incapaz de substituir a mente humana. Da mesma maneira, só o Espírito Santo é capaz de investigar tudo, até o mais profundo de Deus.

O termo grego que se traduz como “esquadrinhar” é *eranai*. Molton e Milligan, em sua obra sobre o vocabulário do Novo Testamento, citam um

papiro do século III onde este verbo se aplica aos empregados de aduana, aqueles que revisam minuciosamente uma carga ou bagagem. Ou seja, Paulo concebe o Espírito Santo como um incansável trabalhador que investiga ainda o mais profundo do ser de Deus.

Paulo também se refere à tarefa do Espírito Santo em termos de “conhecer”. Compara a capacidade da mente humana para conhecer seus próprios pensamentos com a capacidade do Espírito Santo para conhecer os pensamentos de Deus. Nem o mais desenvolvido dos animais pode compreender melhor que os seres humanos o que significa ser humano. Em um sentido, cada pessoa tem consciência de si mesma e é quem melhor se compreende. Paulo aplica ao Espírito Santo este conceito da autocompreensão e afirma que “ninguém conhece as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus”. Ninguém pode compreender melhor a Deus que Deus mesmo.

O Espírito Santo esquadrinha o mais profundo de Deus e só Ele tem uma compreensão plena da pessoa de Deus. A pergunta que segue é: O que o Espírito Santo faz com isso?

O Espírito revela

Porque Deus no-las revelou pelo seu Espírito... Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, mas sim o Espírito que provém de Deus, a fim de compreendermos as coisas que nos foram dadas gratuitamente por Deus; (I Coríntios 2:10,12)

Só o Espírito Santo conhece realmente a Deus, e só Ele se dá a conhecer. Deus quer ter comunhão com o ser humano. Por isso se revela por meio de Seu Espírito, para que Sua pessoa e Sua sabedoria não fiquem “escondidas”. A palavra “nós”, no versículo 10, é em grego um termo enfático. Neste contexto se refere aos apóstolos, porque só eles receberam a revelação especial de Deus, como antes os profetas do Antigo Testamento. Paulo faz a mesma afirmação em Efésios 3:5:

O qual [o mistério de Cristo] em outras gerações não foi manifestado aos filhos dos homens, como se revelou agora no Espírito aos seus santos apóstolos e profetas.

Em ambos os textos o apóstolo declara que Deus é o autor da revelação, o Espírito Santo é o agente, e os apóstolos são os receptores e intermediários desta revelação. Os apóstolos receberam dois dons, diferentes, mas relacionados entre si. Deus lhes concedeu o dom da salvação e também o dom de compreender e comunicar essa salvação que receberam gratuitamente.

Paulo é provavelmente o melhor exemplo deste duplo processo. Em suas cartas, oferece uma maravilhosa exposição da salvação pela graça: Deus derrama Seu amor sobre os pecadores; por isso enviou Seu Filho para morrer na cruz por nós, que não merecíamos senão juízo. Deus levantou Cristo da morte para mostrar que Ele não morreu em vão. Por fé, internamente, e por batismo, externamente, chegamos a ser um com Cristo em Sua morte e ressurreição.

O Evangelho abre a nossa mente e faz arder o nosso coração. Como Paulo soube tudo isso e como pôde fazer uma apresentação tão compreensível? Pôde fazê-lo, primeiro, porque ele mesmo recebeu a salvação e, também, porque recebeu a revelação do Espírito Santo para interpretar a sua própria experiência.

O Espírito inspira

As quais também falamos, não com palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas com palavras ensinadas pelo Espírito Santo, comparando coisas espirituais com espirituais. (I Coríntios 2:13)

A revelação da verdade de Deus se faz por meio da inspiração. Os apóstolos comunicam o que chegaram a compreender por inspiração do Espírito. O versículo 12 se refere ao que os apóstolos receberam por revelação. O versículo 13 descreve o que eles comunicam a outros, por inspiração do Espírito.

O Espírito Santo que esquadrinha o profundo de Deus, revelou o plano de salvação aos apóstolos para que estes comunicassem a outros. Da mesma maneira que o Espírito não guardou para si o resultado da Sua investigação, os apóstolos tão pouco se apropriaram da revelação, mas a compartilharam com outros. A verdade é para ser compartilhada, e eles compreenderam que eram administradores da revelação de Deus. Não o fizeram apelando para a sabedoria humana, mas com as palavras que ensinam o Espírito. O mesmo Espírito que esquadrinha o mais profundo de Deus e que revelou estes segredos aos apóstolos, também foi quem lhes deu as palavras com as quais transmitir esta verdade.

Este versículo, indiretamente, respalda o que chamamos de “inspiração verbal”. Isto significa que a inspiração divina inclui as palavras com as quais se comunica a revelação de Deus. Paulo sustenta que as palavras com as quais os apóstolos expressaram a mensagem foram dadas pelo Espírito Santo. Muitos rechaçam esta doutrina, quiçá porque não a compreendem corretamente. Vale a pena dedicar alguns parágrafos para esclarecimento.

A inspiração verbal

Digamos primeiro o que *não* é a inspiração verbal. Não implica que cada palavra na Bíblia seja literalmente a verdade. Os autores bíblicos escreveram em diferentes estilos literários, cada um dos quais deve ser interpretado de acordo com suas próprias normas: a história como história, a poesia como poesia. O sentido das palavras pode ser, segundo o caso, literal ou figurativo. Por exemplo, os primeiros versículos do Salmo 119 descrevem o sol se levantando e se pondo. Não interpretamos literalmente a expressão, já que sabemos que não é o sol que se move senão a terra. Tão pouco interpretamos literalmente quando o salmista descreve o sol como um habitante de tendas, como uma noiva, ou como um atleta. Jesus usou com frequência figuras de linguagem em Seus ensinamentos. No entanto, Ele mesmo advertiu contra o excessivo literalismo. No evangelho de João, por exemplo, tanto a Nicodemos como a mulher samaritana disse que era absurdo que interpretassem literalmente as figuras que havia usado do novo nascimento ou da água da vida.

A inspiração verbal tão pouco implica que o Espírito Santo fez um ditado verbal aos escritores bíblicos. Os muçumanos crêem que Alá, por meio do anjo Gabriel, ditou o Corão a Maomé em árabe; ele escrevia só o que lhe ia sendo dito. Os cristãos não crêem que a Bíblia foi escrita desta maneira. Os autores bíblicos não foram simplesmente escribas que punham no papel o ditado divino. Ainda que o Espírito Santo se comunicasse através deles, eles mantinham o controle de suas capacidades e expressavam sua personalidade peculiar.

Por isso encontramos na Bíblia variedade de estilos literários e ainda diferentes ênfases teológicas. Amós é o profeta da justiça de Deus; Oséias, o de Seu amor; Isaías de Sua soberania. O mesmo é certo no Novo Testamento: Paulo é o apóstolo da graça; Tiago, o das obras; Pedro, o da esperança e João, o do amor.

Muitas seções da Bíblia são narrativas históricas. Estes escritos não foram ditados pelo Espírito Santo; Moisés, Samuel, Esdras, Neemias e os evangelistas do novo Testamento realizaram investigações históricas. Lucas o disse explicitamente no prefácio que fez do Evangelho. A inspiração divina e a investigação humana não são incompatíveis em absoluto.

Em terceiro lugar, a inspiração verbal não significa que cada frase da Bíblia é “palavra de Deus”. O Pacto de Lousana firmado em 1974 declara que a Bíblia não contém erros naquilo que afirma. Mas devemos agregar que nem tudo o que a Bíblia contém, o afirma.

Por exemplo, no livro de Jó se incluem extensos e tediosos discursos de seus amigos. Estes sustinham que Jó estava sendo castigado por seus pecados. No entanto, ao chegar no último capítulo do livro, Deus disse duas vezes a esses homens: Vocês não falaram de mim com retidão. Portanto, não temos liberdade para citar esses versos como palavra de Deus.

O livro de Jó, e tudo o que a Bíblia contém, é a Palavra de Deus. Mas esta deve ser entendida como um todo, e cada texto em seu contexto. Inspiração verbal significa que o Espírito Santo falou através de seus autores bíblicos e que estes devem ser entendidos de acordo com seu estilo literário, o sentido literal ou figurado das palavras, o contexto, e a intenção com que escreveram. As palavras são um privilégio do ser humano. Sem elas não conheceríamos nem poderíamos expressar o que há em nossa mente e coração. Pensamos em palavras, ainda quando não as pronunciamos.

Da mesma forma, o Espírito de Deus, que esquadrinha todas as coisas e conhece os pensamentos de Deus, revelou aos apóstolos seus achados, em palavras que Ele mesmo deu. Podemos resumir a idéia em uma epigrama: O Espírito falou suas palavras através das palavras dos autores bíblicos, de tal forma que as palavras dos autores bíblicos eram simultaneamente as palavras do Espírito Santo.

A Bíblia é a Palavra de Deus. No entanto, essa é somente parte da verdade e uma meia verdade pode ser muito perigosa. Não podemos afirmar a origem divina das Escrituras e negar a participação humana nela. Tão pouco podemos cometer o erro oposto. Pode-se traçar um paralelo nesta dupla autoria das Escrituras e as duas naturezas de Cristo. De fato, teólogos tanto católicos como protestantes, antigos e modernos, o fizeram. Dizer que Cristo é o Filho de Deus é verdade, mas é uma meia verdade perigosa se negamos Sua humanidade. A heresia oposta é considerar Jesus só como homem, o que não é uma verdade completa. Da mesma forma, devemos manter em harmonia a dupla autoria das Escrituras. Deus falou através dos autores humanos.

O Espírito ilumina

As quais também falamos, não com palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas com palavras ensinadas pelo Espírito Santo, comparando coisas espirituais com espirituais. Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque para ele são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente. Mas o que é espiritual discerne bem tudo, enquanto ele por ninguém é discernido. Pois, quem jamais conheceu a mente do Senhor, para que possa instruí-lo? Mas nós temos a mente de Cristo. (I Coríntios 2:13-16)

Os leitores da carta de Paulo não estavam abandonados a si mesmos para entender o que se havia escrito a eles. O mesmo Espírito Santo que inspirou aqueles que escreveram, estava ativo naqueles que receberam as cartas.

A frase final do versículo 13 é complexa e um pouco enigmática. Poderia ser traduzida de três maneiras. Compartilho a perspectiva de muitos comentaristas e tradutores: Paulo expressa que a transmissão da verdade é um ato espiritual e sua compreensão requer um agente espiritual. Dito de outra maneira, só os que possuem o Espírito podem interpretar verdades espirituais.

A inspiração que receberam os apóstolos foi única. No entanto, ainda que não recebamos inspiração da mesma maneira que eles, o Espírito também intervém em todos nós iluminando a interpretação das Escrituras. O Espírito Santo mesmo habitava naqueles que escreveram as Escrituras e naqueles que a lêem hoje. Por isso podemos conhecer a Deus.

Revelação e inspiração foram os processos objetivos que produziram as Escrituras. A iluminação é processo subjetivo pelo qual o Espírito Santo ilumina nossa mente. Suponhamos que participamos de uma reunião onde descortinamos uma placa, e o fazemos com os olhos vendados. O ato de descortinar a placa se compara ao processo objetivo de revelação e inspiração dos autores bíblicos, pelo qual a verdade de Deus se comunica aos seres humanos. Mas só poderemos conhecer a placa quando nos tirarem a venda dos olhos, e isto é equivalente ao processo subjetivo pelo qual o Espírito Santo ilumina nossa compreensão da mensagem bíblica.

Nos versículos 14-15, o apóstolo amplia o conceito que já apresentou em forma sintética no versículo 13, e o faz mediante um contraste. Primeiro descreve a pessoa que não tem o Espírito Santo, o “homem natural”. No versículo seguinte descreve a pessoa espiritual, quer dizer, a que possui o Espírito Santo. Em que diferem o cristão e o não cristão quando lêem a Bíblia? A pessoa que não tem o Espírito Santo não pode receber as coisas que são do Espírito porque para ela são loucura, e não as pode compreender. A pessoa que tem o Espírito Santo, pelo contrário, julga ou discerne todas as coisas. Isto, logicamente, não o converte em um ser onisciente ou infalível. Significa que aquelas verdades espirituais para as quais era cego agora começam a ter sentido. Entende o que antes não entendia.

Os não-cristãos não podem entender um cristão. O cristão, em quem habita o Espírito de Deus, é um enigma para as outras pessoas. Estas não entendem este segredo interno que temos. É lógico que isso aconteça. Como diz o versículo 16, ninguém conhece a mente de Deus. Se eles não entendem a

mente de Cristo, tão pouco podem compreender o crente, porque, quando o Espírito habita em nós e nos ilumina, temos a mente de Cristo.

Nosso nível de compreensão muda quando nascemos de Cristo. Essa foi a minha experiência e é comum aos cristãos. Cresci em um lar nominalmente cristão. Minha mãe ensinou minhas irmãs e a mim a ir à igreja, fazer nossas orações e ler a Bíblia cada dia. Continuei lendo a Bíblia até que cheguei à minha adolescência. Na realidade o fazia por lealdade a minha mãe, porque não entendia o que lia. Aos 17 anos aceitei pessoalmente a Jesus Cristo e, se bem que não pretendo saber tudo, desde esse momento a Bíblia começou a me falar diretamente e comecei a entendê-la. Desde então sempre a leio com desejo, porque comecei a compreender o que antes era um mistério.

Normas para evitar desacordos

Se o Espírito Santo é quem ilumina os cristãos quando interpretamos as Sagradas Escrituras, por que ainda há desacordo entre nós? Na realidade, creio que estamos de acordo em muito mais do que cremos estar. E o estaremos ainda mais se cumprimos cinco normas simples:

1. Aceitamos a autoridade suprema das Escrituras

As diferenças irreconciliáveis ocorrem entre igrejas que estão dispostas a submeter-se à autoridade suprema da Bíblia e as que não estão. Entre as igrejas nascidas da Reforma, para as quais a Bíblia é autoridade final, as coincidências superam em muito às dissidências.

2. Lembrar do propósito principal da Bíblia

As Escrituras dão testemunho de Jesus Cristo como único Salvador. Os reformadores afirmavam que a Palavra de Deus é simples e perspicaz. Isto significa que é tão clara que se pode ver através dela. Sem dúvida, há pontos escuros e problemáticos na Bíblia. O próprio apóstolo Pedro disse que havia algumas coisas nas cartas de Paulo muito difíceis de entender. Se um apóstolo tinha problemas, não seria modesto de nossa parte dizer que podemos compreendê-la toda. A clareza ou transparência das Escrituras se refere às verdades centrais da salvação: a justificação só pela graça, só por meio da fé, e só através de Cristo. Estas verdades absolutas do Evangelho são totalmente claras na Bíblia. Pelo contrário, como dissemos no capítulo anterior, sobre aqueles assuntos que não são tão claros, sobre aquele que é secundário ou *adiáfora*, devemos nos dar a liberdade e aceitar as diferenças.

3. Aplicar bons princípios de interpretação da Bíblia

Há os que sustentam que é possível fazer que a Bíblia diga qualquer coisa que alguém queira. É possível, se somos suficientemente inescrupulosos. Porém se usamos ferramentas adequadas de interpretação, em lugar de sermos nós quem controla a Bíblia será ela quem nos controla.

Não podemos considerar aqui todos os princípios de interpretação, mas quero mencionar três. Um é o princípio da *simplicidade*. Isto significa que buscamos o sentido natural do texto, em lugar do alegórico ou especulativo. Se usarmos o sentido comum, evitaremos tomar literalmente expressões que são figuradas.

O segundo é o *histórico*. Implica em buscar o sentido original do texto, quer dizer, o que o autor quis comunicar a seus primeiros leitores, na situação em que viviam. Deus não falou no vazio: o fez em contextos muito particulares. Cada palavra de Deus foi revelada em um âmbito cultural peculiar. Precisamos compreender essa situação histórica para entender a mensagem original, tal como o teriam compreendido os primeiros ouvintes ou leitores.

O terceiro é o da *harmonia*. Devemos interpretar cada passagem à luz do sentido global da Bíblia. Em outras palavras, aprendemos a interpretar a Escritura com a Escritura. Estas normas não são arbitrárias. Respondem ao caráter de Deus e à classe de livro que é a Bíblia. Deus falou para ser compreendido, não para nos confundir. Por isso o sentido natural do texto é o que expressa sua intenção. Deus falou em um contexto particular e por isso é necessário entender a mensagem original nesse contexto histórico.

Finalmente, Deus não se contradiz, e por isso a mensagem da Bíblia tem harmonia. Estes são três princípios simples, porém muito importantes. Todo crente precisa aplicar estes critérios quando lê ou ensina a Palavra.

4. Estudar as Escrituras com outros irmãos

A igreja é a comunidade hermenêutica. É ali onde Deus quer que sua Palavra seja interpretada. Podemos ajudar-nos uns aos outros a entendê-la, especialmente quando temos dificuldades de fundos culturais. Todos somos, em alguma medida, prisioneiros de nossa própria cultura e isso nos faz cegos para algumas coisas. Quanto mais variada é a integração de um grupo de estudo bíblico, melhor. Na oração que fez Paulo pelos efésios, pedia que pudessem compreender, com todos os que pertencem a Deus, todas as dimensões do amor de Deus (Efésios 3:18). Devemos ser suficientemente humildes para aceitar que necessitamos uns dos outros e que outras pessoas

podem ajudar-nos, ainda através de seus livros, a compreender melhor a Palavra de Deus.

5. Ler a Bíblia com um espírito humilde e receptivo

Permitamos a Deus derrubar as nossas defesas, para que a Palavra nos desafie e transforme. Tenhamos a atitude do salmista: “Abre os meus olhos e verei as maravilhas da tua lei”. (Salmo 119:18). Se lermos a Bíblia com um conceito prévio do que queremos encontrar, Deus não se comunicará. O Espírito Santo pode nos dar discernimento espiritual quando lemos as Escrituras, mas só quando deixamos de lado nossos pré-juízos.

O Espírito Santo habita em todos os filhos de Deus. Ele é quem ilumina a verdade bíblica para que a possamos conhecer e viver segundo ela. Se aceitarmos isto e cumprirmos com as normas mencionadas, haverá muito mais acordo entre nós.

O Espírito de verdade

Jesus prometeu aos Seus discípulos que o Espírito Santo viria para guiá-los a toda verdade (João 16:13). O Espírito esquadrinha os pensamentos de Deus e é o único capaz de revelá-lo. Ele os comunicou aos apóstolos e a outros autores com palavras que Ele mesmo escolheu. E o mesmo Espírito Santo ilumina nossa mente hoje, para que possamos discernir Sua mensagem.

O Espírito Santo é Espírito de poder, de amor, e também é Espírito de verdade. A “espada” do Espírito é a Palavra de Deus. Por isso, quando meditamos e estudamos a Palavra, precisamos da iluminação do Espírito Santo. O estudo e a iluminação do Espírito não são incompatíveis. Paulo escreveu a Timóteo:

Considera o que digo, porque o Senhor te dará entendimento em tudo. (II Timóteo 2:7)

A expectativa humilde e o estudo diligente andam de mãos dadas. Aplicamo-nos ao estudo, mas é Deus quem nos dá a compreensão espiritual do que lemos. Pensemos em um relógio de sol: se pretendermos interpretar a hora de noite ou em dia nublado, será inútil. Haverá números, mas não nos comunicará nenhuma mensagem. Só quando o sol ilumina o relógio podemos saber que horas são. O mesmo ocorre com a Palavra de Deus. Se há “nuvens grossas” entre Deus e nós, a Bíblia não será mais que papel e letras: não haverá nenhuma mensagem compreensível. Mas quando a luz do Espírito penetra em nosso ser, então recebemos e entendemos a mensagem.

5. IMAGENS DA IGREJA

E eu, irmãos não vos pude falar como a espirituais, mas como a carnis, como a criancinhas em Cristo. Leite vos dei por alimento, e não comida sólida, porque não a podíeis suportar; nem ainda agora podeis; porquanto ainda sois carnis; pois, havendo entre vós inveja e contendas, não sois porventura carnis, e não estais andando segundo os homens? Porque, dizendo um: Eu sou de Paulo; e outro: Eu de Apolo; não são apenas homens? Pois, que é Apolo, e que é Paulo, senão ministros pelos quais crestes, e isso conforme o que o Senhor concedeu a cada um? Eu plantei; Apolo regou; mas Deus deu o crescimento. De modo que, nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento. Ora, uma só coisa é o que planta e o que rega; e cada um receberá o seu galardão segundo o seu trabalho. Porque nós somos cooperadores de Deus; vós sois lavoura de Deus e edifício de Deus. Segundo a graça de Deus que me foi dada, lancei eu como sábio construtor, o fundamento, e outro edifica sobre ele; mas veja cada um como edifica sobre ele. Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo. E, se alguém sobre este fundamento levanta um edifício de ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, a obra de cada um se manifestará; pois aquele dia a demonstrará, porque será revelada no fogo, e o fogo provará qual seja a obra de cada um. Se permanecer a obra que alguém sobre ele edificou, esse receberá galardão. Se a obra de alguém se queimar, sofrerá ele prejuízo; mas o tal será salvo todavia como que pelo fogo. Não sabeis vós que sois santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá; porque sagrado é o santuário de Deus, que sois vós. Ninguém se engane a si mesmo; se alguém dentre vós se tem por sábio neste mundo, faça-se louco para se tornar sábio. Porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus; pois está escrito: Ele apanha os sábios na sua própria astúcia; e outra vez: O Senhor conhece as cogitações dos sábios, que são vãs. Portanto ninguém se glorie nos homens; porque tudo é vosso; seja Paulo, ou Apolo, ou Cefas; seja o mundo, ou a vida, ou a morte; sejam as coisas presentes, ou as vindouras, tudo é vosso, e vós de Cristo, e Cristo de Deus (I Coríntios 3)

Já no primeiro capítulo de sua carta, Paulo havia focado o problema das divisões na igreja em Corinto. Agora volta a analisar a situação. Atribui ela não somente a zelos ou pleitos, que se mencionam no versículo 3, senão a uma percepção errada do que é a igreja. Podemos resumir sua tese nas seguintes palavras: se os crentes tivessem uma compreensão a respeito da igreja, teriam uma perspectiva correta de seus líderes; nunca os exaltariam como estavam fazendo.

Uma perspectiva imatura

Nos últimos versículos do capítulo 2, Paulo havia declarado que os assuntos espirituais somente podem ser discernidos por pessoas espirituais, quer dizer, crentes a quem o Espírito Santo ilumina a verdade. Agora o apóstolo disse abertamente aos coríntios que eles demonstram não ser espirituais, mas carnis.

Paulo não está sugerindo que eles não fossem crentes: dirige-se a eles como irmãos, como membros, igual a ele, da família de Deus. No entanto, não estão governados pelo Espírito de Deus, e por isso os qualifica como carnis. Em lugar do Espírito, é sua própria natureza caída e egoísta que rege sua vida.

Paulo também os descreve como meninos. Tinham nascido de novo, mas não tinham crescido e continuam sendo bebês. Esta é uma das tragédias de nossos dias: as igrejas estão cheias de cristãos nascidos de novo, mas muitos deles nunca crescem. Encontramos superficialidade e imaturidade por todos os lados.

Há dois sintomas que permitem julgar a maturidade alcançada por uma pessoa: a dieta e a conduta. Paulo se refere à dieta dos crentes em Corinto, como infantil: viu-se obrigado a dar para eles “leite” para beber e não “comida sólida”. Essa é a alimentação apropriada para um bebê, porque é facilmente digerida. Se tivessem crescido não teria que os ensinar, outra vez, os rudimentos da fé. Apesar de haverem sido “enriquecidos de todo conhecimento”, como expressava Paulo no capítulo 1, os coríntios eram imaturos em sua assimilação.

A segunda parte deste capítulo 3 descreve a conduta que o apóstolo considera carnal ou imatura: “pois, havendo entre vós inveja e contendas, não sois porventura carnis, e não estais andando segundo os homens?”

Na lista das obras da carne, em Gálatas 5, Paulo também inclui estes comportamentos, próprios do mundo, mas não dos que pertencem a Deus. Esta situação punha em evidência a imaturidade ou carnalidade dos coríntios. Em síntese, Paulo está admoestando os coríntios porque sua conduta é carnal e não espiritual; é infantil quando já deveria ser madura, é próprio da natureza humana caída, não da divina, por isso havia na igreja contendas e divisões, além de condutas imorais.

Uma perspectiva correta

A tese de Paulo é que a conduta imatura dos coríntios se deve à compreensão defeituosa que têm da igreja. No restante do capítulo 3, o apóstolo desenvolve três imagens da igreja, todas as quais tendo implicações muito importantes para compreender como deve ser a liderança da igreja.

Lavoura de Deus

Pois, que é Apolo, e que é Paulo, serão ministros pelos quais crestes, e isso conforme o que o Senhor concedeu a cada um? Eu plantei; Apolo regou; mas Deus deu o crescimento. De modo que, nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento. Ora, uma só coisa é o que planta e o que rega; e cada um receberá o seu galardão segundo o seu trabalho. Porque nós somos cooperadores de Deus; vós sois lavoura de Deus e edifício de Deus. (I Coríntios 3:5-9)

Esta é uma metáfora tomada da agricultura. Paulo descreve a igreja como cultivo ou “lavoura de Deus”. No começo desta seção, Paulo faz perguntas incisivas. Deliberadamente, usa a forma impessoal em relação aos líderes. Em lugar de perguntar “quem” é Paulo ou “quem” é Apolo, pergunta “Que é Paulo? Que é Apolo?” Paulo responde a si mesmo na segunda parte do versículo: só servidores por meio dos quais tinham crido, não amos ou donos aos quais os crentes deviam lealdade. Paulo declara enfaticamente que ele não é seu amo, mas servo. Os líderes não são o objeto de sua fé, senão servos que os conduziram a ela. Não são os autores de sua salvação senão agentes ou instrumentos através dos quais Deus operou.

O mesmo versículo inclui uma frase a mais para diminuir a pretendida importância dos líderes: “segundo o que o Senhor concedeu a cada um”. Apóstolos e mestres só faziam o trabalho que Deus lhes havia dado, com os dons que Ele havia concedido. Nem os coríntios nem seus líderes tinham que se jactar. Nos versículos 6-8, Paulo aplica a comparação a si mesmo e a Apolo, e descreve as tarefas que cumpriram em Corinto. Se um campo tem que produzir uma boa colheita, há três processos fundamentais que devem cumprir-se: plantar a semente, logo regá-la e finalmente produzir crescimento e fruto. Paulo chegou antes que Apolo a Corinto, durante sua segunda viagem missionária. Ele teve o privilégio de “semear”, de evangelizar a cidade de Corinto. Lucas o narra na primeira parte de Atos 18.

Se Paulo semeou a semente, Apolo foi quem chegou para “regá-la”, como relata Lucas na segunda parte de Atos 18. Cada um destes servos de Deus fez sua tarefa. Mas o processo só poderia ser levado a cabo por Deus. Só ele dá vida e crescimento.

No grego há uma ênfase importante nos verbos do versículo 6. Plantar e regar, as tarefas que respectivamente cumpriram Paulo e Apolo, estão em *aorista*, que é tempo passado perfeito. Paulo chegou a Corinto, evangelizou e se foi. Apolo chegou depois, regou a semente e, uma vez cumprido seu trabalho, seguiu seu caminho. Mas Deus fez com que a semente crescesse, e essa tarefa se descreve com um tempo verbal imperfeito. Isto significa que todo o tempo, ainda quando Paulo e Apolo trabalhavam, era Deus quem havia estado gerando e dando o crescimento à semente.

Tanto plantar como regar são trabalhos que não requerem maior conhecimento e até se pode fazer de maneira mecânica. Mas fazer com que a semente se abra e cresça é um processo cheio de mistério. Nenhum ser humano pode fazê-lo. Não bastava a autoridade apostólica que Apolo tinha nas Escrituras para que germinasse a semente do evangelho entre os coríntios. Só Deus poderia fazê-lo. Portanto, não há nenhuma razão para que os que plantam e os que regam exaltem sua função.

Paulo agrega outro matiz a seu argumento no versículo 8. Tanto o que planta como o que rega têm o mesmo propósito, ainda que cumpram diferentes tarefas. Ambos procuram uma boa colheita. Cada obreiro receberá do Senhor sua recompensa, conforme seu trabalho, no dia do juízo. É uma bobagem dos coríntios tratarem de adiantar esse reconhecimento, dando honra a seres humanos que são só agentes da obra de Deus.

A descrição conclui no versículo 9, onde o apóstolo declara que os líderes são colaboradores na igreja. A ênfase é que os que evangelizam e ensinam são companheiros de trabalho que trabalham debaixo da direção de Deus com um mesmo propósito. Isto faziam Paulo e Apolo, com a benção de Deus. Esta metáfora que compara a congregação com um campo de lavoura não diz tudo sobre o ministério cristão. É perigoso forçar uma analogia além do que realmente tem a intenção de ensinar. Por exemplo, esta metáfora não nos ensina nada sobre a distinção entre dons e ofícios ou ministérios. Tão pouco faz alusão à honra que significa servir a Deus como evangelista, pregador ou pastor. Em outras partes das Escrituras, se ensina claramente que estas são ocupações muito honrosas. Mas o propósito de Paulo é outro nesta passagem.

Como geralmente ocorre com uma metáfora, se utiliza aqui com a intenção de ressaltar um ponto importante. Neste caso, o apóstolo enfatiza que, no que se refere ao nascimento e crescimento de uma igreja, Deus é quem assume as tarefas, quem dá o crescimento e quem, finalmente, premia os trabalhadores. Portanto, não devemos dar glória a nós mesmos nem a outros companheiros de tarefa, senão ao Senhor e só a Ele.

Edifício

Segundo a graça de Deus que me foi dada, lancei eu como sábio construtor, o fundamento, e outro edifica sobre ele; mas veja cada um como edifica sobre ele. Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo. E, se alguém sobre este fundamento levanta um edifício de ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, a obra de cada um se manifestará; pois aquele dia a demonstrará, porque será revelada no fogo, e o fogo provará qual seja a obra de cada um. Se permanecer a obra que alguém sobre ele edificou, esse receberá galardão. Se a obra de alguém se queimar, sofrerá ele prejuízo; mas o tal será salvo todavia como que pelo fogo. (I Coríntios 3:10-15)

O apóstolo usa agora uma metáfora tomada da construção. Na parte final do versículo 9 diz, da congregação em Corinto, que eles são “edifício de Deus”, e logo desenvolve esta imagem. Se na metáfora anterior a ênfase era que só Deus dá o crescimento, agora a idéia central é que só Cristo é o fundamento da igreja.

Os que a constroem formam uma equipe de trabalhadores que contribuem para a mesma meta. Uns são os que põem a fundação e outros os que edificam sobre essa fundação. Mas só Cristo pode ser o fundamento sobre o qual todos edificam.

Uma vez mais, o apóstolo aplica a metáfora a si mesmo e a outros líderes. Cada um faz sua tarefa “conforme a graça de Deus que foi dada”. Paulo usa essa expressão pelo menos cinco vezes em suas cartas, e sempre em referência a seu chamado como apóstolo aos gentios. Ele pôs o fundamento como um sábio construtor, mas o fez pela graça de Deus, não porque ele fosse alguém especial. A expressão “sábio construtor” traduz a palavra grega *sofos*, que literalmente significa “sábio”. Provavelmente, Paulo está associando esta idéia com a verdadeira sabedoria da qual falou antes, essa que ao mundo parece loucura ou bobagem. Para Paulo foi encomendada a tarefa pioneira de pregar a Cristo crucificado em Corinto. Os mestres que chegaram, logo edificaram sobre esse fundamento. Alguns eram bons mestres, mas outros maus; alguns eram mestres genuínos, mas outros falsos.

Com esta metáfora o apóstolo faz uma advertência a todos os mestres cristãos, tanto com respeito ao fundamento sobre o qual constroem como à estrutura que edificam sobre ele. A primeira responsabilidade de quem edifica é a de escavar o fundamento e pôr outro em seu lugar. O único fundamento da igreja é o Jesus Cristo do Novo Testamento, do testemunho apostólico.

Os que edificam também devem escolher com cuidado os materiais que usam. Existem duas classes de materiais: um é resistente e imperecível, o

outro é frágil e precário. Ouro, prata e pedras representam, nesta metáfora, os materiais firmes, símbolo do ensinamento verdadeiro que passa com êxito a prova do tempo, e exame do juízo final. Madeira, palha e feno são materiais fracos e representam os falsos ensinamentos e a sabedoria do mundo.

O apóstolo afirma, no versículo 13, que o resultado final dependerá dos materiais que foram usados na construção. Submetido à prova final do fogo do juízo divino, a obra permanece se foi construída com bons materiais. Então o construtor receberá sua recompensa. Mas se a estrutura terminar consumida pelo fogo, por haver sido edificada com madeira, feno ou palha, o construtor perderá sua obra e sua recompensa. Ele será salvo, mas como quem apenas conseguiu se salvar de um incêndio.

O ministério de ensinamento é de enorme importância na congregação, já que edifica a Igreja. Se o ensinamento é veraz, bíblico e equilibrado, o que se edifica permanecerá. Pelo contrário, se o que ensinamos não procede da Bíblia, se é sabedoria do mundo e não de Deus, a estrutura não poderá transcender. Os que têm a responsabilidade de ensinar devem lembrar que o que ensinam pode trazer bênção ou dano à igreja, e o efeito não só será evidente nesta vida senão na eternidade.

Santuário de Deus

Não sabeis vós que sois santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá; porque sagrado é o santuário de Deus, que sois vós. (I Coríntios 3:16-17)

A igreja local não só é lavoura de Deus e edifício construído sobre Jesus Cristo; também é santuário de Deus. Literalmente “santuário de Deus”, o que chamamos de Lugar Santíssimo. Em certa medida, esta metáfora é uma extensão da anterior, já que o santuário é também um edifício. No entanto, Paulo está pensando neste edifício especial que era o santuário em Jerusalém. Poderíamos dizer que é mais bem uma metáfora religiosa.

O versículo 16 começa com uma pergunta: “Não sabeis que sois santuário de Deus?” A mesma pergunta aparece dez vezes nesta carta, o que indica sua importância no argumento que desenvolve o apóstolo. Como já dissemos, Paulo atribui os problemas entre os crentes em Corinto a sua ignorância sobre o que é ser igreja, ou sua recusa à verdade. Compreender adequadamente o que é ser igreja é, na opinião do apóstolo, essencial para compreender nossa identidade e posição em Cristo, e para viver em santidade. Se soubessem da verdade e a lembrassem, insiste Paulo, sua vida seria totalmente diferente. Saber quem somos em Cristo determina nossa conduta como cristãos.

O templo em Jerusalém, como antes o tabernáculo, era o lugar da presença de Deus. Em Êxodo 25:8, Deus prometeu aos israelitas habitar ali e declarou que Sua glória, símbolo visível da Sua presença, iluminaria o Lugar Santíssimo. No Novo Pacto, confirmado com o sangue de Cristo na cruz, o lugar de habitação de Deus já não é um edifício, mas um povo. Isto é o que tinha que entender a igreja em Corinto. Eles eram o santuário de Deus; Ele habitava neles e no meio deles. Paulo afirma em I Coríntios 6:19, que Deus habita no corpo de cada crente, que é o santuário do Espírito Santo. Logo, em I Coríntios 3, o santuário de Deus é a congregação local. E em Efésios 2:22, o apóstolo Paulo ensina que a igreja universal é morada de Deus. Quer dizer que, de acordo com o que declara o Novo Testamento, somos santuário de Deus em três sentidos: como crentes em forma individual, como congregação local e como igreja universal. Já não precisamos de imagens nem símbolos da presença de Deus: o Espírito Santo habita no Seu povo.

Evidentemente, igreja quer dizer pessoas, não edifícios. A presença de Deus não esta atada a nenhum templo em particular. Onde quer que estejam Seus filhos, Ele também está, e especialmente quando nos reunimos para adorar, ainda que somente haja duas ou três pessoas.

Se a igreja é o lugar onde Deus habita através do Seu Espírito, não deve ser desonrada de nenhuma maneira. Dividir, contaminar, enganar a igreja, são ofensas muito sérias, porque ela é o templo de Deus. Essas atitudes danificam e destroem a identidade da Igreja como povo de Deus. O versículo 17 tem uma advertência solene e severa: Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá. Um ato deliberado contra a igreja é um ato de violência contra Deus. A passagem seguinte sugere que se alguém atua desta forma não é realmente cristão, e por essa razão será destruído, o qual sem dúvida é uma referência ao Inferno.

É importante ter sempre presente que a igreja é morada de Deus. Quiçá não o pareça, integrada como está por pessoas imperfeitas, pouco atrativas ou de escassa instrução. Quiçá a nossa congregação seja muito pequena ou, como em Corinto, imatura e cheia de defeitos. Mas, apesar de todas suas imperfeições, é o lugar no qual Deus habita por meio do Seu Espírito.

Nestas três metáforas usadas por Paulo, a descrição que faz da comunidade cristã enfatiza a Trindade. Cada uma delas sublinha a obra de Deus Pai, Filho e Espírito Santo em relação à igreja. Por sua vez, diminui a importância dos seres humanos, mesmo os líderes. Em conjunto, mantêm o equilíbrio da perspectiva apostólica sobre a igreja. Como lavoura de Deus, deve sua existência e crescimento a Deus o Pai. Como edifício, está construída somente sobre Jesus Cristo, Deus o Filho. E como santuário, é habitada por

Deus Espírito Santo. A igreja é a única comunidade trinitária no mundo. Não existe nenhuma outra comunidade que se pareça com ela. Seus líderes têm o enorme privilégio de serem servos da igreja, o lugar onde Deus habita.

Líderes servos

Ninguém se engane a si mesmo; se alguém dentre vós se tem por sábio neste mundo, faça-se louco para se tornar sábio. Porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus; pois está escrito: Ele apanha os sábios na sua própria astúcia; e outra vez: O Senhor conhece as cogitações dos sábios, que são vãs. Portanto ninguém se glorie nos homens; porque tudo é vosso; seja Paulo, ou Apolo, ou Cefas; seja o mundo, ou a vida, ou a morte; sejam as coisas presentes, ou as vindouras, tudo é vosso, e vós de Cristo, e Cristo de Deus. (I Coríntios 3:18-23)

Paulo reitera o contraste que há entre a sabedoria do mundo e a sabedoria de Deus. A estratégia de Deus incluía a formação desta nova comunidade, a igreja, com critérios opostos aos que o mundo usaria para organizar uma instituição. Portanto, exaltar os líderes humanos na igreja, como estavam fazendo os coríntios, era uma demonstração de tolice, não de sabedoria. Paulo cita duas passagens do Velho Testamento, ambas tomadas da literatura de sabedoria. Em Jó 5:13 e em Salmos 94:11, Deus julga como insensatez e vaidade a sabedoria do mundo. Paulo insta uma e outra vez aos coríntios a arrependerem-se de sua atitude jactanciosa e a desenvolver, pelo contrário, humildade cristã: “Ninguém se glorie nos homens.”

O apóstolo culmina seu argumento afirmando o oposto do que sustentavam os coríntios: estes declaravam pertencer a um e a outro líder e se sentiam orgulhosos deles. O apóstolo declara que, pelo contrário, são os líderes que pertencem à igreja. “Tudo é vosso; seja Paulo, ou Apolo, ou Cefas.” Não somente os líderes lhes pertencem, senão todas as coisas: o mundo, a vida e a morte, o presente e o porvir! Esta é uma afirmação assombrosa sobre a igreja. É assim que a igreja pertence a Cristo, e Cristo a Deus. Declaração similar faz Paulo em Romanos 8: Somos “herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo”, e nEle, tudo é nosso.

Os líderes cristãos devem ser diferentes dos líderes do mundo. Não podemos falar da congregação como “minha igreja”, nem de outra forma como “a igreja de Fulano”. Não é a congregação que pertence ao líder senão o líder a ela. É o povo de Deus ao qual fomos chamados para servir. Somos servos, não amos ou donos. Esta é a sã perspectiva bíblica.

Só quando temos esta percepção da igreja podemos ter uma compreensão bíblica da liderança cristã. Não cabe o ponto de vista mundano, que percebe a igreja como se fosse uma simples instituição humana, onde os

líderes usam a autoridade para se fazerem respeitar e são tratados como celebridades. A igreja é uma comunidade única, integrada por pessoas redimidas que pertencem a Deus; os ministros prestam um serviço ali e não há motivo algum de jactância senão em Deus. O único motivo de santificação válido é na Trindade, que habita e opera na igreja. Unindo as expressões finais de Paulo no capítulo 1 e no capítulo 3, “que ninguém se glorie nos homens” (3:21) e “aquele que se gloria glorie-se no Senhor” (1:31).

Em todo o mundo a igreja corre o risco de exaltar desmedidamente seus líderes. Na América Latina, se sustenta o conceito de pastor ou líder, mais do que nos damos conta, do modelo de “caudilho” ou líder personalista, próprio da cultura. Também influi a figura do sacerdote católico, de quem o crente depende totalmente, até para sua salvação. No continente asiático, particularmente ao leste e sudeste, onde predomina a cultura chinesa, a igreja cristã se impregnou dos ensinamentos de Confúcio. Uma idéia central é que o estudante deve venerar o seu mestre, o servo deve venerar o seu amo, os filhos devem venerar os pais. Quando esta perspectiva se traslada à comunidade cristã, e seus membros chegam quase a se prostrar ante seus líderes, estamos perante uma atitude antibíblica.

O líder cristão deveria caracterizar-se pela humildade e pelo serviço a sua congregação. Que o Espírito Santo ilumine nossa compreensão da igreja e cultive em nós esta atitude.

6. MODELOS DE MINISTÉRIO PASTORAL

Que os homens nos considerem, pois, como ministros de Cristo, e despenseiros dos mistérios de Deus. Ora, além disso, o que se requer nos despenseiros é que cada um seja encontrado fiel. Todavia, a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós, ou por qualquer tribunal humano; nem eu tampouco a mim mesmo me julgo. Porque, embora em nada me sinta culpado, nem por isso sou justificado; pois quem me julga é o Senhor. Portanto nada julgueis antes do tempo, até que venha o Senhor, o qual não só trará à luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações; e então cada um receberá de Deus o seu louvor. Ora, irmãos, estas coisas eu as apliquei figuradamente a mim e a Apolo, por amor de vós; para que em nós aprendais a não ir além do que está escrito, de modo que nenhum de vós se ensoberbeça a favor de um contra outro. Pois, quem te diferencia? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te glorias, como se não o houveras recebido? Já estais fartos! Já estais ricos! Sem nós já chegastes a reinar! E oxalá reinásseis de fato, para que também nós reinássemos convosco! Porque tenho para mim, que Deus a nós, apóstolos, nos pôs por últimos, como condenados à morte; pois somos feitos espetáculo ao mundo, tanto a anjos como a homens. Nós somos loucos por amor de Cristo, e vós sábios em Cristo; nós fracos, e vós fortes; vós ilustres, e nós desprezíveis. Até a presente hora padecemos fome, e sede; estamos nus, e recebemos bofetadas, e não temos pousada certa, e nos afadigamos, trabalhando com nossas próprias mãos; somos injuriados, e bendizemos; somos perseguidos, e o suportamos; somos difamados, e exortamos; até o presente somos considerados como o refúgio do mundo, e como a escória de tudo. Não escrevo estas coisas para vos envergonhar, mas para vos admoestar, como a filhos meus amados. Porque ainda que tendes dez mil aios em Cristo, não tendes contudo muitos pais; pois eu pelo evangelho vos gerei em Cristo Jesus. Rogo-vos, portanto, que sejais meus imitadores. Por isso mesmo vos enviei Timóteo, que é meu filho amado, e fiel no Senhor; o qual vos lembrará os meus caminhos em Cristo, como por toda parte eu ensino em cada igreja. Mas alguns andam inchados, como se eu não houvesse de ir ter convosco. Em breve, porém, irei ter convosco, se o Senhor quiser; e então conhecerei, não as palavras dos que andam inchados, mas o poder. Porque o reino de Deus não consiste em palavras, mas em poder. Que quereis? Irei a vós com vara, ou com amor e espírito de mansidão? (I Coríntios 4)

Paulo nos dá um modelo de ministério cristão. Este é um tema sobre o qual atualmente há muita confusão. O que é o clérigo ou o pastor ordenado? A que se assemelha, ao sacerdote católico ou ao presbítero da tradição reformada? É pastor, evangelista, profeta, pregador? É psicoterapeuta, administrador, trabalhador social? Esta indefinição do perfil do ministro cristão não é nova. Ao longo da sua história, a igreja tem oscilado entre os extremos do clericalismo e do anticlericalismo, às vezes exaltando os ministros e outras os considerando imprescindíveis.

Mark Twain inclui uma cena expressiva em sua conhecida novela, *As aventuras de Huckleberry Finn*. Huck relata a uma jovem que, na igreja que frequenta seu tio, na Inglaterra, havia pelo menos 17 clérigos, ainda que nem todos pregassem no mesmo dia. Johanna pergunta a ela o que fazem os restantes clérigos, e Huck responde: “Não muito. Vão de um lado para outro, passam o prato para as ofertas, mas não muito mais”. “Então para que estão lá?”, pergunta sua amiga. E Huck responde: “Bem, é para manter o estilo. Acaso você não entende nada de estilo?”

A liderança cristã

Quando lemos a carta de Paulo aos coríntios, vemos que desde o começo houve percepções erradas sobre o lugar do ministro ordenado. As facções em Corinto brigavam entre si para apoiar um líder em particular, e Paulo reage horrorizado por este culto aos líderes. Para corrigir o conceito dos coríntios, o apóstolo desenvolve quatro modelos do que é o ministério de um pastor ordenado. Ainda que descreva seu próprio ministério apostólico, as figuras também se aplicam ao ministério cristão atual. Cada modelo ou metáfora ilustra uma verdade essencial sobre a liderança cristã.

Servos de Cristo

Antes de ser ministro da Palavra ou da igreja, os líderes são ministros ou servos de Cristo. Sem dúvida, existem passagens da Bíblia que enfatizam a honra do ministério cristão e motivam a igreja a ter estima e amor pelos que desempenham essa função. Mas aqui, Paulo usa uma expressão de muita humildade; o termo grego que se traduz como “servo” é *uperetes*. É interessante a origem desta palavra. Os barcos do mundo antigo tinham três níveis de remadores. Os *uperetes* eram os que estavam no nível mais baixo do barco, figura de humildade e trabalho forçado. Paulo descreve ao ministro como subordinado a Cristo, alguém que ocupa um nível de humildade. O ministro cristão deve começar com uma atitude de submissão e amor ao Senhor, com o encontro diário com Deus em oração e uma vida de obediência.

Como subordinados de Cristo, somos responsáveis perante Ele por nosso ministério. O fato de termos de prestar contas a Deus do nosso trabalho nos consola ao mesmo tempo que nos desafia. Nos consola porque podemos dizer, como Paulo, que o Senhor é quem nos julga. Perante Ele ficarão à vista as intenções do coração. Não há porque fazer comparação, diz o apóstolo. Se há diferença entre pessoas, por acaso não é Deus responsável por elas? Os dons que temos os temos recebido de Deus. Nossa responsabilidade final é perante Deus. Logicamente, devemos considerar a

crítica humana, ainda que em algumas ocasiões possa ser dolorosa. A crítica nem sempre é justa nem amável. Sem dúvida Jesus Cristo é mais misericordioso que qualquer juiz humano. As cartas anônimas, por exemplo, costumam ser muito agressivas, porque o autor não se identifica. Com o passar dos anos, aprendi a não levar a sério as cartas anônimas.

Ao final do século passado, um famoso pregador subia ao púlpito, quando uma senhora lhe atirou um papel. Ele o pegou e leu a única palavra que dizia: “tonto”. Começou seu sermão dizendo: “Tenho recebido durante minha vida muitas cartas anônimas, mas é a primeira vez que recebo a assinatura sem o texto.” Se o autor não está disposto a identificar-se, não podemos tomar sua crítica como algo sério.

Uma vez que nos traz ânimo saber que nosso juiz final é o Senhor, ser responsáveis perante Deus é também um enorme desafio. Grande parte do trabalho de um ministro ou pastor não se conhece nem se supervisiona. No entanto, sempre estamos na presença de Deus e algum dia vamos ter que prestar contas a Ele.

Mordomos da revelação

Que os homens nos considerem, pois, como ministros de Cristo, e despenseiros dos mistérios de Deus. Ora, além disso, o que se requer nos despenseiros é que cada um seja encontrado fiel. Todavia, a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós, ou por qualquer tribunal humano; nem eu tampouco a mim mesmo me julgo. Porque, embora em nada me sinta culpado, nem por isso sou justificado; pois quem me julga é o Senhor. Portanto nada julgueis antes do tempo, até que venha o Senhor, o qual não só trará à luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações; e então cada um receberá de Deus o seu louvor. (I Coríntios 4:1-5)

Os ministérios de Deus não ficaram ocultos, reservados somente às pessoas eleitas. Seus ministérios são segredos proclamados à humanidade para que possamos conhecer a Deus e viver em relacionamento com Ele. Deus se deu a conhecer, acima de tudo, em Jesus Cristo. As verdades sobre Jesus Cristo, Sua pessoa e Sua obra, só podem ser conhecidas através da revelação do Espírito. Os apóstolos foram os primeiros mordomos da mensagem, porquanto receberam a revelação para que conhecessem os mistérios de Deus. Depois deles, também os pastores são mordomos da revelação, porque Deus lhes confiou o ensinamento das Escrituras.

De acordo com o Novo Testamento, a primeira responsabilidade do ministro é ensinar o povo de Deus; quer dizer, alimentar o rebanho. Em I Timóteo 3:2-3, o apóstolo Paulo dá uma lista de requisitos para o ministro. Enumera qualidades morais muito importantes e, na mesma lista, inclui o que

poderíamos chamar de uma “aptidão profissional”: o pastor deve ser apto a ensinar, a nutrir as ovelhas.

É interessante observar, no campo, que os pastores não alimentam as ovelhas, salvo estejam doentes. Sua tarefa, na realidade, é conduzi-las até os pastos, onde as ovelhas se alimentam por si só. Assim deve fazer o pastor na igreja: guiar os crentes à Palavra, para que se alimentem dela. Os pastores ensinam o que lhes foi dado, quer dizer, a mensagem bíblica. Exige-se dos ministros que sejam mordomos ou administradores fiéis daquilo que lhes foi confiado. É fácil se transformar em um mordomo infiel da mensagem, e é triste que existam muitos deles na igreja contemporânea. Alguns descuidam do estudo da Palavra de Deus ou a lêem de maneira ocasional e superficial. Outros não conseguem vincular o texto bíblico ao mundo atual, e outros manipulam o texto para que diga o que eles querem que diga. Há pastores que selecionam das Escrituras só o que gostam. Todos estes são exemplos de infidelidade.

As congregações vivem, crescem e florescem pela Palavra de Deus. Sem ela, adoecem e morrem. Por isso é tão importante que o ministro ordenado tenha hábitos disciplinados de estudo e que investigue tanto o mundo antigo como o atual, para que seu ensinamento seja completo e nutritivo. Imaginemos uma planície cortada por um abismo profundo. Um lado da planície representa o mundo bíblico e o outro o mundo contemporâneo. Entre o mundo bíblico e o mundo atual, temos um profundo “cânion de 2.000 anos”, dois milênios de mudanças culturais.

Apliquemos este diagrama à tarefa de pregação. Nós os evangélicos vivemos do lado da planície que representa o mundo bíblico. Somos homens e mulheres que cremos na Bíblia, a amamos e a lemos. Não nos sentimos muito a vontade no lado que representa o mundo atual e até nos sentimos ameaçados por ele. Nem nos ocorreria pregar outra coisa que não fosse o texto bíblico. Mas pode acontecer que a mensagem nunca “aterrisse” do outro lado do abismo. É bíblica, mas está enraizada na realidade contemporânea. Esta é uma debilidade característica dos pregadores evangélicos. Os liberais cometem o erro oposto. Se sentem cômodos na cultura moderna, mas perderam a essência da revelação bíblica. Sua mensagem é aceita pelo mundo, mas não é bíblica.

Esta é uma das tragédias da igreja atual: os evangélicos são bíblicos mas não contemporâneos, e os liberais são contemporâneos mas não bíblicos. Poucos são os pregadores e mestres que constroem pontes para unir os dois mundos: o bíblico e o contemporâneo. Mas este é o desafio que temos. A única maneira de sermos bons mordomos da revelação de Deus é relacionar a

Palavra com o mundo, e para isso devemos estudar e compreender os dois lados deste “abismo”.

Pessoalmente, estou muito agradecido a Martin Lloyd Jones, que me apresentou há mais de trinta anos um pequeno calendário de leituras bíblicas, que havia preparado um clérigo em 1842, para sua consagração na Escócia, com o propósito de que lesse a Bíblia todo ano: o Antigo Testamento uma vez, e o Novo duas. Ainda que se requeira ler quatro capítulos por dia, o método é de muito benefício. Não se começa lendo Gênesis, para seguir em forma contínua, mas se começa simultaneamente nos quatro grandes inícios da Bíblia: Gênesis 1, Esdras 1, Mateus 1 e Atos 1. Estes são quatro grandes nascimentos: Gênesis relata o nascimento do universo e Esdras o renascimento da nação após o cativeiro babilônico. Mateus 1, o nascimento de Cristo; e Atos 1, o nascimento da igreja. Minha própria prática é ler três capítulos cada manhã; dois deles corridos, e o terceiro para meditar e estudar. Reservo o quarto para a tarde. Este enfoque ajuda a integrar a mensagem global das Escrituras. Minha recomendação é que procuremos, com este ou qualquer sistema, ler a Bíblia completa todo ano. Por sua vez, precisamos relacionar a Bíblia com a realidade atual.

Faz uns trinta anos, comecei um grupo de leitura em Londres, convidando uns quinze jovens profissionais, homens e mulheres, que estavam comprometidos com a Palavra e desejavam aplicá-la em seu âmbito cultural. Este grupo de leitura tem se mantido; reunimos-nos somente de quatro a seis vezes por ano, em cada reunião decidimos qual livro vamos ler antes do próximo encontro. Escolhemos livros populares, que estão produzindo impacto no pensamento moderno; às vezes escolhemos um filme. Quando nos reunimos, cada membro do grupo dispõe só de um minuto para definir qual o principal assunto que, pelo seu entendimento, o autor está enfocando. Dedicamos umas duas horas para refletir e discutir sobre esses temas, e durante a última meia hora, nos fazemos a seguinte pergunta: O que diz o Evangelho às pessoas que pensam desta forma e vive nesta realidade? Estes encontros me têm ajudado muitíssimo a entrar no mundo moderno e estender uma ponte a partir da Bíblia até os problemas atuais.

Reuniões deste tipo, com profissionais ou estudantes, membros de nossa igreja ou amigos em geral, são um espaço fecundo e desafiante para construir pontes entre a revelação de Deus e o mundo contemporâneo.

Escória do mundo

Já estais fartos! Já estais ricos! Sem nós já chegastes a reinar! E oxalá reinásseis de fato, para que também nós reinássemos convosco! Porque tenho para mim, que Deus a nós, apóstolos, nos pôs por últimos, como condenados à morte; pois somos feitos

espetáculo ao mundo, tanto a anjos como a homens. Nós somos loucos por amor de Cristo, e vós sábios em Cristo; nós fracos, e vós fortes; vós ilustres, e nós desprezíveis. Até a presente hora padecemos fome, e sede; estamos nus, e recebemos bofetadas, e não temos pousada certa, e nos afadigamos, trabalhando com nossas próprias mãos; somos injuriados, e bendizemos; somos perseguidos, e o suportamos; somos difamados, e exortamos; até o presente somos considerados como o refugio do mundo, e como a escória de tudo. (I Coríntios 4:8-13)

Esta descrição nos causa impacto: Paulo declara que os que servem a Cristo como mordomos da revelação de Deus chegaram a ser como escória, e refugio do mundo.

Nos versículos anteriores, o apóstolo escreve com certo sarcasmo: os coríntios crêem que já reinam, e bom seria reinar com eles. O apóstolo, no entanto, sabe que o caminho à glória é o sofrimento. Foi para Jesus e é para nós. Paulo usa duas ilustrações muito vívidas, ambas tomadas do mundo romano. Com elas, Paulo opõe seus próprios sofrimentos à comodidade dos coríntios, e contrasta seu sentimento de ser ridicularizado, com a pretendida superioridade deles. Menciona, no primeiro caso, o espetáculo dos gladiadores que se apresentavam no anfiteatro nas grandes cidades. Diante de uma multidão, se jogavam à arena alguns criminosos para que enfrentassem os leões e aos gladiadores. Paulo afirma que os ministros são como espetáculo para todo mundo, até para os anjos, em uma espécie de teatro cósmico no qual são jogados como se fossem criminosos.

O apóstolo faz outra comparação, esta vez com os sacrifícios humanos. Paulo alude a uma cidade grega imaginária, assolada por uma calamidade; para apaziguar a ira dos deuses, se costumava jogar alguns miseráveis ao mar. As pessoas sacrificadas eram chamadas de *pericatarmata*; o apóstolo se compara a eles. Somos isto para o mundo: escória, refugio, algo que não merece estar em nenhum lugar. Quicá tudo isto nos pareça alheio e pouco aplicável a nossa vida. Se for o caso, poderia indicar quanto temos nos apartado do Novo Testamento. Hoje é respeitável ser pastor, mesmo em uma sociedade não cristã. Alguns países dão algumas honras e concessões aos clérigos, como os eximir de impostos ou os chamar de “reverendo”. Não era assim no princípio, e não deveríamos aceitar a situação tão comodamente.

É um grande risco chegar a ser um pregador popular. É muito difícil ser popular e ao mesmo tempo ser fiel. A cruz de Cristo continua sendo loucura para alguns e pedra de tropeço para outros. Quando pregamos a cruz desafiamos o orgulho humano, porque o Evangelho chega como um dom gratuito e imerecido. O ser humano preferiria fazer algo para ganhar sua própria salvação ou, pelo menos, contribuir com ela. Pregar, como declara a

Bíblia, que ninguém pode contribuir em nada, traz humildade e desperta hostilidade.

O Evangelho também produz recusa porque afirma que Jesus Cristo é o único Salvador. Essa mensagem ofende o mundo pluralista. Em uma cultura que sustenta a validade de todas as religiões, declarar que só o Evangelho é a verdade de Deus, o torna antiquado e ofensivo.

Por último, o Evangelho exige que nos submetamos ao senhorio de Cristo e vivamos em santidade debaixo das suas normas morais. A maioria dos seres humanos prefere viver da sua maneira, com suas próprias leis. Para eles, o Evangelho é pedra de tropeço. Sendo assim, os que pregam e ensinam a Palavra devem estar dispostos a ser tidos por loucos pela causa de Cristo.

Estou convencido de que se fôssemos realmente fiéis a Jesus Cristo sofreríamos mais. O certo é que temos eliminado do Evangelho os aspectos pouco populares e, dessa forma, evitamos oposição e perseguição. Dietrich Bonhoeffer, o pastor luterano que foi executado em um campo de concentração em abril de 1945, escreveu *O custo do discipulado* enquanto definhava na prisão. Ali definiu o discipulado como uma “aliança com o Cristo sofredor”. O sofrimento é a marca, o selo do autêntico cristianismo; é o que confirma nossa identidade como discípulo de Jesus Cristo.

Matinho Lutero, por sua vez, concebia o sofrimento como um dos sinais da igreja verdadeira, à qual descreve como “a comunhão daqueles que são perseguidos e martirizados pela causa do Evangelho”. Se nossa vida se desenvolve com total comodidade, se ninguém se opõe ao nosso testemunho, deveríamos perguntar se realmente somos fiéis discípulos de Jesus Cristo e servos de sua igreja ou estamos, mais bem, adaptados e cômodos no mundo.

Pais da família que é a igreja

Não escrevo estas coisas para vos envergonhar, mas para vos admoestar, como a filhos meus amados. Porque ainda que tendes dez mil aios em Cristo, não tendes contudo muitos pais; pois eu pelo evangelho vos gerei em Cristo Jesus. Rogo-vos, portanto, que sejais meus imitadores. Por isso mesmo vos enviei Timóteo, que é meu filho amado, e fiel no Senhor; o qual vos lembrará os meus caminhos em Cristo, como por toda parte eu ensino em cada igreja. Mas alguns andam inchados, como se eu não houvesse de ir ter convosco. Em breve, porém, irei ter convosco, se o Senhor quiser; e então conhecerei, não as palavras dos que andam inchados, mas o poder. Porque o reino de Deus não consiste em palavras, mas em poder. Que quereis? Irei a vós com vara, ou com amor e espírito de mansidão? (I Coríntios 4:14-21)

A quarta metáfora ou modelo que Paulo apresenta, descreve os pastores como pais da família da igreja. No parágrafo final, o apóstolo se refere aos coríntios como “seus amados filhos”. Quiçá tenham dez mil mestres ou tutores que os disciplinem, mas não têm muitos pais que os amem. Ele foi seu “pai” no Evangelho. Paulo inclusive insta os coríntios a imitá-lo.

Em Mateus 23, Jesus disse que não deviam chamar ninguém de “pai” senão Deus. Está Paulo contradizendo os ensinamentos de Jesus? Quando o Senhor fez esta recomendação, o contexto se refere à autoridade ou a propriedade de uma pessoa a outra.

Não devemos permitir que nenhum ser humano nos considere sua possessão. Só Deus é nossa autoridade absoluta. Ele é nosso Pai. Mas em sua carta, Paulo estava se referindo ao carinho, ao amor de um pai. Nesse sentido se considera a si mesmo como um pai dos crentes coríntios. Quando escreve aos tessalonicenses, não somente se compara com um pai mas lhes diz que se sente como uma mãe para aqueles a quem ajudou a nascer em Cristo.

Esta é uma bela imagem do apóstolo Paulo, um homem que costumamos imaginar severo e ainda tosco. No entanto, quando fala de seu ministério pastoral, usa uma figura de tanta suavidade, afeto e até de sacrifício por seus filhos na fé. Sem dúvida, é legítima a disciplina na igreja, e sempre que se exerça em forma comunitária. Contudo, o apóstolo mostra que a característica principal dos pastores cristãos não é a severidade, senão mais bem a gentileza.

Nos diferentes lugares nos quais tive o privilégio de estar, chego à mesma conclusão: na igreja necessitamos de menos autoritarismo, menos liderança personalista, e mais afeto e bondade para com a congregação. Cremos realmente no sacerdócio de todos os crentes? Às vezes o governo da igreja se parece mais ao “papado de todos os pastores”, e essa não é a doutrina evangélica.

Nós que servimos a uma congregação podemos, como escrevia o ministro escocês sua própria experiência, “nos apaixonar pela congregação”. Este pastor comparava sua relação com o “florescer do coração que ocorre em qualquer outra paixão” e esta vivência o motivava a fazer tudo para o bem daqueles a quem servia. Essa deveria ser a marca do pastor autêntico.

A humildade no serviço

Estas quatro imagens com as quais o apóstolo descreve seu ministério apostólico são aplicáveis aos ministros na igreja hoje, se bem que estes não são apóstolos. O denominador comum a estas quatro metáforas é uma atitude

característica mesmo de Jesus Cristo: a humildade. O apóstolo expressa que, como líderes, necessitamos ser humildes ante o Senhor, de quem somos subordinados; humildes ante a Palavra de Deus, da qual somos mordomos; humildes ante o mundo, cuja oposição temos que enfrentar; e finalmente, humildes ante a congregação, ante os crentes aos quais amamos e servimos.

Procuremos que nosso ministério se caracterize, acima de todas as coisas, pela gentileza e a humildade de Jesus Cristo. Ele é que nos chamou ao ministério e estabeleceu as normas para exercê-lo. Como líderes, estamos realmente subordinados a Cristo? Somos mordomos fiéis da sua revelação? Estamos dispostos a sofrer por Ele? Somos como um pai e uma mãe para Sua igreja?

Damos graças a Deus pelo privilégio que temos: não só somos membros da Sua igreja, mas fomos chamados a ser pastores e ministros nela. Peçamos-Lhe perdão pela maneira com que não temos seguido as normas bíblicas para exercer o ministério.

Procuremos ser mais fiéis no estudo e na exposição de Sua Palavra, mais dispostos a sofrer por causa do Evangelho, e mais amáveis e gentis para com a congregação. Então seremos uma igreja verdadeiramente viva. O Espírito Santo se mostrará plenamente no louvor e na adoração, no amor entre os irmãos, na fidelidade à Palavra e na evangelização do mundo necessitado. Que assim seja.